

12

JOAQUIM R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. auxiliar da Faculdade de Ciências da Univ. do Pôrto,
Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura

ARTE RUPESTRE

COMUNICAÇÃO APRESENTADA AO
I CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS



PÓRTO

1 9 4 2



2

JOAQUIM R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. auxiliar da Faculdade de Ciências da Univ. do Pôrto,
Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura

ARTE RUPESTRE

COMUNICAÇÃO APRESENTADA AO
I CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS



PÔRTO
1 9 4 2



Barcelone Perm.

REPORT

STATE OF INDIANA
DEPARTMENT OF AGRICULTURE

ANNUAL REPORT
FOR THE YEAR 1900

REPORT
OF THE
COMMISSIONER OF AGRICULTURE
AND
FOREST SERVICE

ARTE RUPESTRE

Literalmente *arte rupestre* significa arte realizada sôbre penhascos ou rochedos (do latim *rupes*).

Em arqueologia *arte rupestre* compreende os baixos relevos, gravuras e pinturas que o homem pre ou proto-histórico executou nas paredes ou no tecto de grutas e cavernas, nas paredes de simples abrigos ou palas, nos esteios e coberturas de dólmenes ou antas, ou em rochedos ao ar livre.

Até agora não são conhecidos em Portugal quaisquer documentos de arte rupestre em relêvo. Conhecem-se, porém, numerosas e interessantes gravuras e algumas pinturas rupestres, embora estas em número muito menor.

UM POUCO DE HISTÓRIA

É ao grande dramaturgo espanhol seiscentista Lope de Vega que cabe a honra da mais antiga referência, conhecida, à arte rupestre pre-histórica da Península Ibérica. Na sua peça *Las Batuecas del Duque d'Alba*, Lope de Vega refere-se à existência de cabras e outros animais, pintados, de mistura com figuras estranhas, em abrigos da região montanhosa de las Batuecas na província espanhola de Salamanca.

Depois, no princípio do século XVIII, o corógrafo portu-

guês P.^e Carvalho (1), e logo a seguir os P.^{es} João Pinto de Moraes e António de Sousa Pinto (2), e ainda o conhecido e erudito Contador de Argote (3), aludem às pinturas rupestres portuguesas do Cachão da Rapa, situadas na margem direita do rio Douro, em termo de Ansiães, província de Trás-os-Montes.

Na segunda metade do século passado, em 1879, Santuola descobre as pinturas da caverna de Altamira, no norte de Espanha, perto de S. Sebastian. As pinturas desta caverna são tão notáveis debaixo do ponto de vista artístico, pela excelência da técnica e pelo extraordinário e perfeito realismo dos animais ali figurados, alguns dêles já extintos, que à caverna de Altamira se chama *Capela Sixtina da Arte Quaternária*.

Em face das primeiras publicações das pinturas zoomórficas de Altamira, foi grande o cepticismo dos arqueólogos europeus, que, baseados no facto de se não conhecer nada semelhante, julgaram Santuola vítima de mistificações. Em vez duma attitude de expectativa prudente, os arqueólogos europeus, e em especial os mestres da arqueologia francesa, tomaram uma attitude derrotista.

Quantas vêzes, a quando da tão falada discussão de Glozel nos ocorria ao espírito o que se passou com as pinturas de Altamira, dadas a princípio como falsas, como sendo obra de pastores que, em seus vagares, se tivessem occupado a pintar o tecto da referida gruta, só rehabilitadas, e aceite a sua cronologia pre-histórica, depois que no sul de França foram descobertas grutas com pinturas do mesmo género.

Infelizmente assim succede a cada passo. Uma descoberta mais notável ou uma hipótese mais ousada, sobretudo se uma ou outra vêm contra o pre-estabelecido, revolucionando a doutrina assente, são, regra geral, dadas a princípio como falsas, depois como possivelmente verdadeiras, mas sem grande interêsse, e só mais tarde reconhecidas e apreciadas em tôda a sua plenitude.

Continuemos porém o rápido bosquejo histórico da arte rupestre.

A partir do começo do nosso século, estes estudos tomaram um incremento extraordinário. Merece uma referência muito especial, o ilustre homem de ciência que foi o Príncipe Alberto de Mónaco, que além de naturalista eminente e oceanógrafo notável foi também grande animador dos estudos da arte rupestre, concedendo largos subsídios para publicações e pesquisas.

Entre os numerosos pre-historiadores europeus que de modo especial se têm dedicado a estudos da arte rupestre citaremos: Breuil, Cabré, Pacheco, Obermaier, Wernert, Leissner, Burkitt e Sobrino.

Há poucos anos foram publicadas duas grandes obras sobre a arte rupestre peninsular. Uma, subsidiada pela fundação Singer-Polignac e elaborada pelo ilustre Abbé Henri Breuil, o eminente professor do Collège de France e director do Musée de Paléontologie Humaine de Paris, intitula-se *Les Peintures Schématiques de la Péninsule Ibérique*; (1) são quatro grandes volumes profusamente ilustrados com excelentes fotografias, bons desenhos e belas tricromias. A outra, denominada *Corpus Petroglyphorum Callaeciae*, é publicação do Seminário de Estudos Galegos e obra de longos anos de porfiada investigação do ilustre galego Dr. Sobrino Buhigas.

Portugal não ficou indiferente ao extraordinário desenvolvimento destes estudos, e assim é que numerosos trabalhos estão já publicados sobre gravuras e pinturas rupestres portuguesas.

Entre os pre-historiadores nacionais que a este assunto têm prestado a sua atenção, contam-se Leite de Vasconcelos, Virgílio Correia, Rui de Serpa Pinto, Mendes Corrêa, Alberto Souto, Eugénio Jalhay, Amorim Girão, Joaquim Fontes e o abade de Baçal, P.^e Francisco Manuel Alves.

PINTURAS RUPESTRES

Não se conhecem entre nós, até à data, pinturas no género das das grutas espanholas do norte e levante, assim como das da zona pirenaica francesa e da Dordogne. Os surpreendentes frescos que o homem pre-histórico pintou nos tectos e nas paredes das grutas da região franco-cantábrica e do levante espanhol, e onde, com um realismo cheio de expressão e de verdade, se reproduzem múltiplos animais da fauna daquela época, êsses surpreendentes frescos, dizíamos, não são conhecidos nas grutas portuguesas.

É certo que o ilustre abade de Baçal P.^e Francisco Manuel Alves (5) afirma ter visto, há já muitos anos, pinturas de animais nas paredes duma gruta situada na freguesia de Mairós, próximo de Chaves, gruta que era conhecida pelo nome de Buraco de Jac-mi-Jorge, e deve ter sido atulhada pelas enxurradas do ribeiro da Soutilha que lhe corria sobranceiro. Mas até agora não foi possível reencontrar o referido buraco, que eu mesmo, com indicações amavelmente fornecidas pelo abade de Baçal, procurei baldadamente em 1930.

As pinturas rupestres portuguesas repartem-se em dois grupos nitidamente diferentes.

Pinturas feitas em abrigos rochosos expostos à luz do dia e mais ou menos defendidos da acção degradante e nociva das intempéries, e pinturas feitas no interior de alguns megálitos, dólmenes ou antas.

As primeiras chamaremos pinturas em abrigos, e às segundas pinturas megalíticas.

PINTURAS EM ABRIGOS

Conhecem-se em Portugal apenas três estações pictográficas rupestres: as do abrigo de Valdejunco, no Alentejo, as da Pala Pinta e as do Cachão da Rapa em Trás-os-Montes.

Valdejunco:

O abrigo pre-histórico de Valdejunco fica situado num morro de quartzites ordovicianas do monte de Gaviões, entre a aldeia alentejana da Esperança e a fronteira, a N. E. de Arronches (Portalegre).

Descoberto pelo Dr. Aurélio Cabrera, foi esta interessante estação pictográfica estudada pelo ilustre professor madrileno Ed. Hernandez-Pacheco (5) e depois pelo Prof. Doutor Vergílio Correia (6), Henri Breuil (7) e Rui de Serpa Pinto (8), além de outros autores (9) que lhe têm feito referências mais ou menos pormenorizadas.



Fig. 1 — Pinturas do abrigo de Valdejunco, Arronches. (Reprodução dum desenho de H. Breuil)

As pinturas distribuem-se numa extensão aproximada de 10 metros, em várias superfícies do abrigo.

O maior número das pinturas (mais de 50) são interpretadas como representações esquemáticas da figura humana. É particularmente interessante um grupo de cinco dessas figuras dispostas em linha (fig. 1), três delas ligadas pelas mãos, e bem assim alguns pares, presumivelmente, de homem e mulher.

Em menor número, mas nem por isso menos interessantes, são as pinturas zoomórficas. Destas, uma, (fig.2) pintada a côr de laranja, é, segundo Breuil (10), um animal «sortant absolument de ce que nous sommes habitués à voir dans les roches de l'Espagne centrale, mais qui a quelques analogues dans celles de la province de Cadiz qui ne sont pas antérieures au Néolithique. Rien que sa tête puisse faire penser a un Rhinocéros bicolore, la légèreté de ses pattes postérieures et leur caractère bisulqué doivent faire préférer à cette pensée celle d'un Bovidé dont par maladresse, comme pour un Bouquetin du Tajo de las Figuras (Cadiz), les cornes sont insérées trop en avant».

São apenas quatro as outras representações animais: uma serpente, um lobo e dois veados (fig. 1).

Segundo a opinião de Breuil, expressa a pág. 163 da publicação que acabamos de extrair, há, nas pinturas do abrigo de

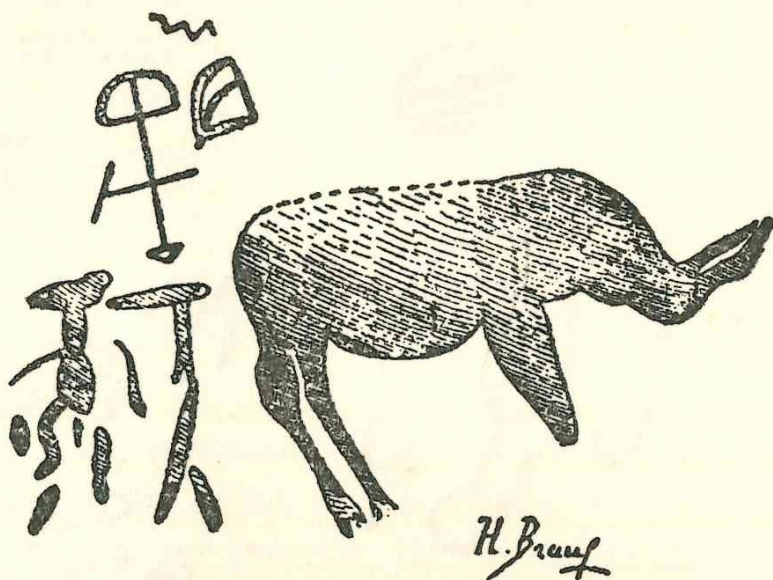


Fig. 2 — Pinturas do Abrigo de Valdejunco, Esperança, Arronches. Extremidade direita do painel central. (Reprodução dum desenho de H. Breuil)

Valdejunco, «au moins sept séries sucessives dont voici l'ordre approximatif: jaune orange, sépia, rouge pâle souvent à trace fin, brun-rouge, rouge vif et noir».

Nunca visitei as pinturas de Valdejunco, mas Rui de Serpa Pinto, o malogrado investigador portuense que foi um excelente companheiro de trabalho no Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto, visitou-as, em 1931, e àcêrca delas escreveu (11): «Pouco depois estudou-as o ilustre investigador de arte rupestre Prof. H. Breuil, não correspondendo no entanto em conjunto os seus desenhos (paneaux) notando-se, mesmo isoladamente, bastantes divergências que justificariam nova reprodução. Encontram-se todavia desenhadas tôdas as figuras, ainda que fora das posições relativas, podendo dar uma idéia aproximada do seu espessamento e irregular distribuição um desenho de conjunto publicado por H. Pacheco (trabalho cit. fig. 5)... «Recentemente um ou mais indivíduos retocaram e pintaram novos sinais, deixando a tinta vermelha as marcas AC e a data 19-VIII-31. Pelo interêsse do monumento, necessário se torna salvaguardá-lo de novas depradações, não bastando a classificação de monumento nacional que bem cabida seria».

«Dentro do abrigo não se encontra camada arqueológica, mas no solo fronteiro coberto de grandes pedras e um pouco abaixo do seu nível, não seria de admirar que escavações metódicas revelassem os instrumentos dos pintores das cenas de caça pré-históricas, que se admiram nas paredes ennegrecidas.»

Impõe-se fazer, quanto antes, um estudo completo destas pinturas, reproduzindo-as cuidadosamente nas suas posições relativas, de modo a dar-se uma idéia do conjunto, como se impõe também a salvaguarda do monumento, defendendo-o contra novos assaltos de ignorantes que, como no caso referido por R. de Serpa Pinto, acrescentem novos sinais, retoquem os existentes ou, o que ainda seria pior, destruam totalmente algumas pinturas.

Pala Pinta:

O abrigo com pinturas da Pala Pinta fica situado no têrmo da aldeia do Franzilhal, freguesia de Carlão, concelho de Alijó e província de Trás-os-Montes.

A Pala Pinta, abrigo no género do de Valdejunco, foi descoberta em 1921 pelo Dr. Horácio de Mesquita (12) ao tempo aluno, na Universidade de Coimbra, do ilustre Prof. Doutor Vergílio Correia (13).

Em Outubro de 1932 visitei o local desta estação rupestre (14). Tirei fotografias e desenhei cuidadosamente as pinturas. O abrigo é formado por uma espessa lapa de granito que constitue pala sôbre uma fenda de 12 metros de comprimento por cêrca de 2,5 metros na maior altura (fig. 3). Em duas superfícies lisas há sinais pintados a vermelho constituindo dois grupos, dos quais o maior fica à direita e é formado por 5 sinais radiados, um dêles com dois círculos concêntricos e traços asteriformes, provável representação solar, e por sinais arborescentes, uma cadeia de sete anéis, manchas punctiformes em fiadas lineares, barras paralelas, etc. (fig. 4).

Quatro metros à esquerda do grupo que acabamos de descrever há pequenas áreas lisas que foram em parte aproveitadas. Neste segundo grupo repete-se o símbolo solar igualmente constituído por dois círculos concêntricos, provido o externo de faixas periféricas irradiantes, e ainda barrinhas paralelas e dois pequenos sinais radiados.

Tôdas as pinturas são de côr vermelho escuro. Além dos dois símbolos solares há, como dissemos, sinais radiados, formados quer por traços quer por fiadas de pontos, os quais são considerados como símbolos astrais. Os sinais ramiformes de que há dois tipos no grupo maior, são geralmente considerados como estilizações esquemáticas da figura humana.

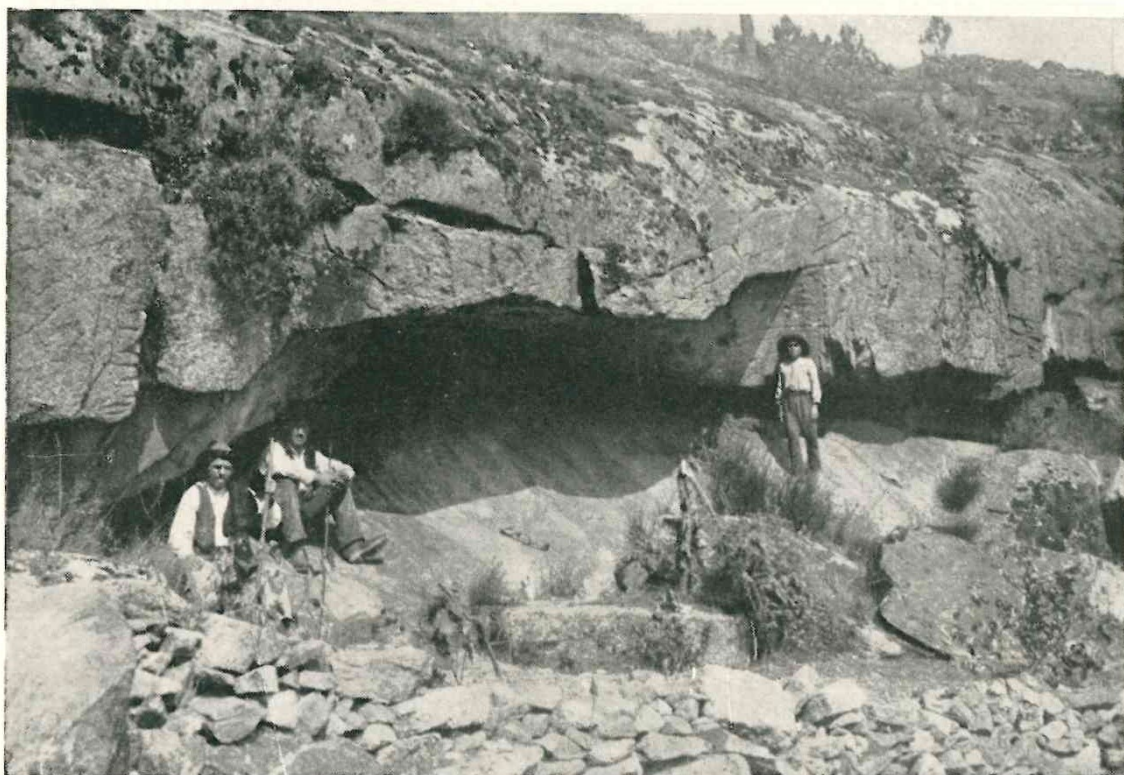


Fig. 3 — Abrigo da Pala Pinta, Franzilhal, freguesia de Carlão, concelho de Alijó. (Foto Santos Jr.)



Fig. 4 — Pinturas do abrigo da Pala Pinta. (Foto Santos Jr.)

Os outros sinais da Pala Pinta são dum simbolismo obscuro e embaraçante, de difícil, senão impossível, interpretação.

Os sinais que aparecem na Pala Pinta são freqüentes noutras estações da arte rupestre peninsular, sendo especialmente estreitas as afinidades destas nossas pinturas trasmontanas com as similares dos abrigos das Batuecas (Salamanca), especialmente da Cueva del Cristo (15).

A Pala Pinta, de escassas dimensões, não deve ter servido de habitação ao homem pre-histórico que pintou os sinais esquemáticos ainda hoje ali patentes.

É possível que estejamos em presença dum local escolhido para manifestações de carácter religioso, ou seja, dum santuário rupestre. Os símbolos astrais ali dominantes reforçam esta hipótese.

Fiz uma sumária escavação na terra escassa que uns muros de suporte mantêm junto do abrigo e onde cresce minguada vinha, não tendo encontrado o mais pequeno objecto de interêsse arqueológico, nem um simples fragmento de cerâmica.

Pelas estreitas relações existentes entre a Pala Pinta e outras estações espanholas de arte rupestre, nomeadamente com a Cueva del Cristo, das Batuecas, podemos admitir que as pinturas desta estação trasmontana remontem pelo menos à idade do bronze e possivelmente mesmo ao neolítico.

Cachão da Rapa:

As pinturas do Cachão da Rapa, como já vimos atrás, foram citadas por vários autores portugueses do século XVIII, que delas deram notícias mais ou menos circunstanciadas, reproduzindo alguns sinais isolados, ou mesmo uma gravura de conjunto. O Padre Carvalho (16), depois de localizar as pinturas,

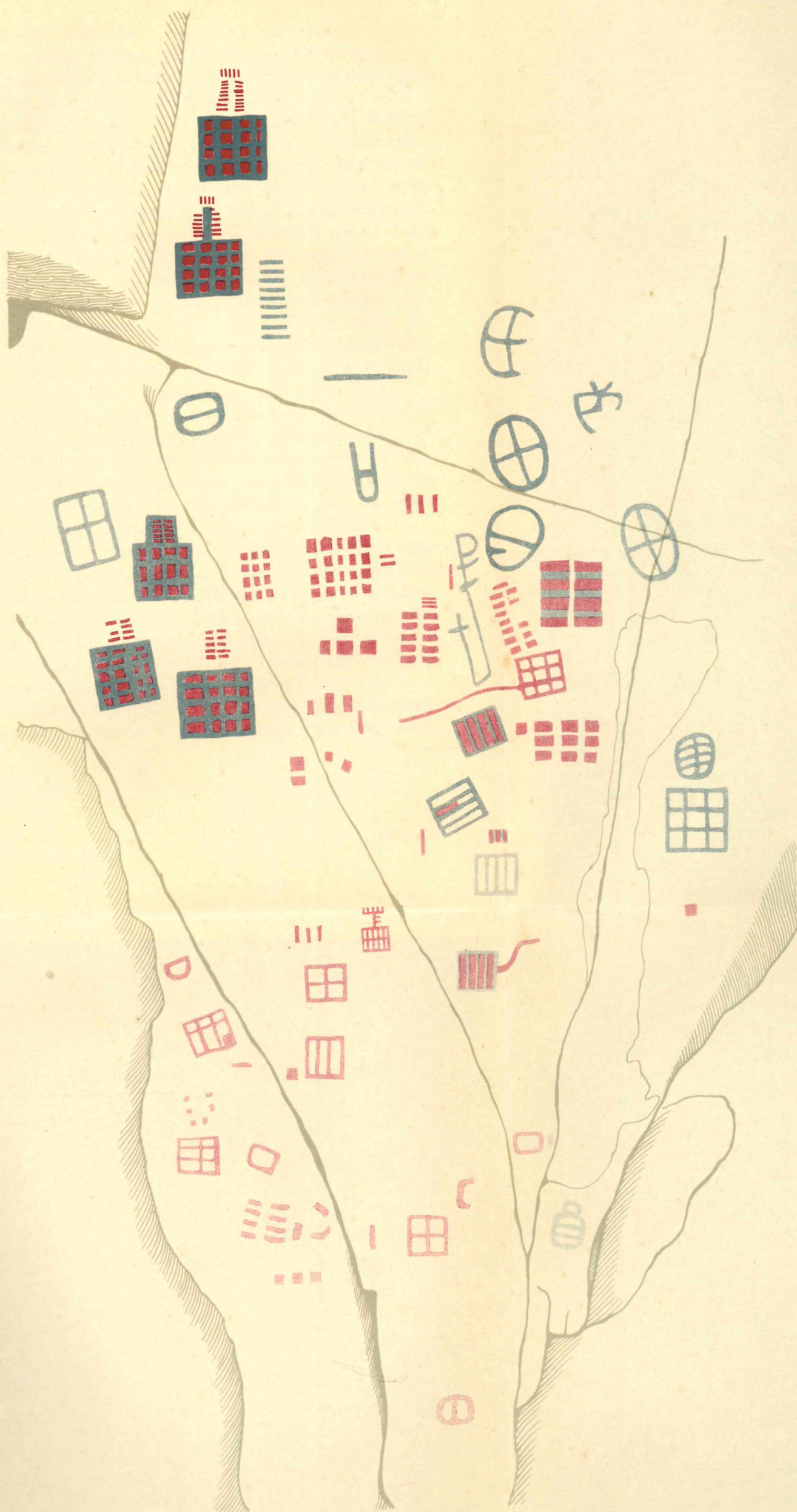
a que chama as Letras, em têrmo de Linhares, num «sítio áspero» junto ao Douro, refere: «Os naturais dizem que estas pinturas se envelhecem humas, e se renovão outras, e que guarda esta pedra algum encantamento; porque crendo por vezes algumas pessoas examinar a cova, que se oculta por baixo, forão dentro mal tratadas, sem ver de quem».

O Padre João Pinto de Moraes, Reitor de S. João Baptista, extra-muros de Ansiães, e António de Sousa Pinto, localizam as pinturas também no têrmo de Linhares, por cima do Cachão da Rapa, dizendo-as pintadas num grande rochedo sobranceiro ao rio, e, segundo a tradição, renovadas tôdas as manhãs de S. João, pelo que as côres se lhe conservam sempre vivas. Descrevem uma caverna sub-jacente ao rochedo a que chamam «Sallas das Letras» na qual dizem haver uma câmara inicial tendo no meio uma mesa de pedra e à roda bancos também de pedra. A esta câmara inicial ou primeira sala, seguiriam outras «onde ninguém entra com pavor», porque na manhã de S. João no ano de 1687 o Padre Domingos Mendes, de Ribalonga, paramentado de sobrepeliz e estola, «para desenganar o vulgo, que diz estar ali um grande tesouro encantado ou por imbição (sic) de haver ali achando-o, depois de entrar aquela primeira sala intendingo entrar a segunda lhe deu tal fedor e pavor que fêz-se trémulo e insensato e a poucos dias lhe caíram os dentes e nunca mais falou de sorte que se entendesse».

Contador de Argote (17) reedita as considerações dos autores citados, alargando-se num ou noutro ponto.

Em 1747, voltam as pinturas do Cachão da Rapa a ser nomeadas pelo Padre Luiz Cardoso (18), nada adiantando ao que havia sido escrito sôbre elas.

Depois o visconde de Vila Maior (19), Possidónio da Silva (20), Leite de Vasconcelos (21), Amílcar de Sousa (22), Vergílio Correia (23), Juan Cabré (24), Obermaier (25), Mendes Cor-



rêa (26), Amorim Girão (27), Breuil (28), Cuevaillas e Bouza-Brey (29) e o abade do Baçal (30), vieram sucessivamente, em seus trabalhos, a fazer referências mais ou menos circunstanciadas ao Cachão da Rapa e às suas pinturas.

Nos últimos tempos, vários autores davam as pinturas como um documento pre-histórico valioso mas já destruído, possivelmente a quando da construção do caminho de ferro do Douro além Tua. O notável arqueólogo espanhol Juan Cabré referiu-se-lhe em 1916 nestes termos: «Si disgraciadamente se confirma la sospecha de Correia (Vergilio Correia) que há desaparecido este monumento artístico, será una perdida imensa para la ciencia y el arte de Peninsula Ibérica, pues desconozco pinturas análogas y tan solo poseemos grabados paralelos a las mismas. Dicho monumento, por el colorido de sus signos era único, cuyo estudio realizado en las circunstancias presentes de preparacion especial, seguraria um éxito feliz para el conocimiento del pueblo que lo consagró.»

Em Outubro de 1930 tive a felicidade de redescobrir as célebres pinturas do Cachão da Rapa (31) que ficam em termo da freguesia de Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães, distrito de Bragança. Estão situadas na margem direita do Rio Douro, num grande penedo que lhe fica sobranceiro. Dá nome às pinturas aquêlê sítio, designado por Cachão da Rapa.

Encontram-se as pinturas na superfície lisa e vertical dum grande rochedo de granito, que, com outros, cavalga o túnel da Alegria situado ao quilómetro 142,200, e a pouco mais de 2 km. a montante da estação do Tua. Aquêlê penedia, de contornos boleados pela erosão e escurecida pelos líquenes, dão o nome de «Curral das Letras». Fica o «Curral das Letras» quási no limite da freguesia de Ribalonga com a de Linhares.

Num ou noutro ponto, há, no meio daquela penedia, escassas porções de terra, em plataformas de pequenas dimensões, onde

crecem lodões e carrascos. Uma dessas plataformas fica junto do rochedo pintado e forneceu, depois duma escavação cuidada, numerosos fragmentos de cerâmica manual grosseira e uma ou outra peça de menor interêsse arqueológico. Do sítio das pinturas ao rio há um desnível de cêrca de 25 metros. Um pouco abaixo do rochedo das pinturas, vê-se uma cavidade natural que não é senão o intervalo resultante do amontoado de grandes blocos de granito.

Ê certamente a esta cavidade que se referem João Pinto de Moraes e Contador de Argote, atribuindo-lhe porém maiores dimensões e uma rodada de assentos, em tórno duma grande mesa de pedra.

Entrei nos buracos que depois soube serem conhecidos pelo nome de «Cova da Moira». Pesquisei cuidadosamente todos os recantos à luz duma vela, não fôsse escapar-me qualquer gravura ou sinal pintado que lá existisse.

Não havia a mesa, nem bancos de pedra, nem coisa que os pudesse lembrar, e nada que merecesse interêsse arqueológico.

Muito interessantes e ainda em razoável estado de conservação, são as pinturas. Vêmo-las na superfície lisa e vertical dum grande bloco de granito, superfície que tem mais de 4 metros de altura e é alongada nesse sentido. Constitue-lhe protecção natural uma saliência no recanto cimeiro, formando pala. Esta superfície está voltada a poente e não nos pareceu que tivesse sido antecipadamente preparada, mas sim apenas utilizada pelo artista eneolítico.

Os sinais pintados distribuem-se por uma área de cêrca de 2,5 metros de altura por 2 m. de maior largura, ficando no alto mais de 1 metro sem qualquer sinal. As côres empregadas foram o vermelho côr de borra de vinho e um azul escuro que, visto de repente, mais parece negro do que azul: uma obser-

vação cuidada leva porém à conclusão de que é na verdade azul escuro.

São muitos os sinais pintados: mais de trinta. Alguns monocromáticos, mas o maior número pintados a azul e vermelho. Predomina a esquematização geométrica, e nenhum dos sinais pode ser tomado como uma possível estilização da figura humana masculina. Este facto faz com que não possa subsistir a hipótese emitida por Cabré sobre a possível significação do conjunto pictográfico do Cachão da Rapa. Essa hipótese interpretava as pinturas como uma dança ritual em que figurava um homem rodeado por várias mulheres.

A fig. 5, melhor que uma longa descrição, mostra a natureza e distribuição relativa dos diferentes sinais.

Facto particularmente interessante no Cachão da Rapa foi o aparecimento de numerosos fragmentos de cerâmica numa escavação a que procedi numa plataforma subjacente. De mistura apareceram lascas informes de quartzo, fragmentos de xisto metamórfico, calhaus rolados de quartzite e um só instrumento de pedra, um machadinho de anfibolite (?). Não encontrei qualquer instrumento metálico ou sequer fragmento de ferro, cobre ou bronze.

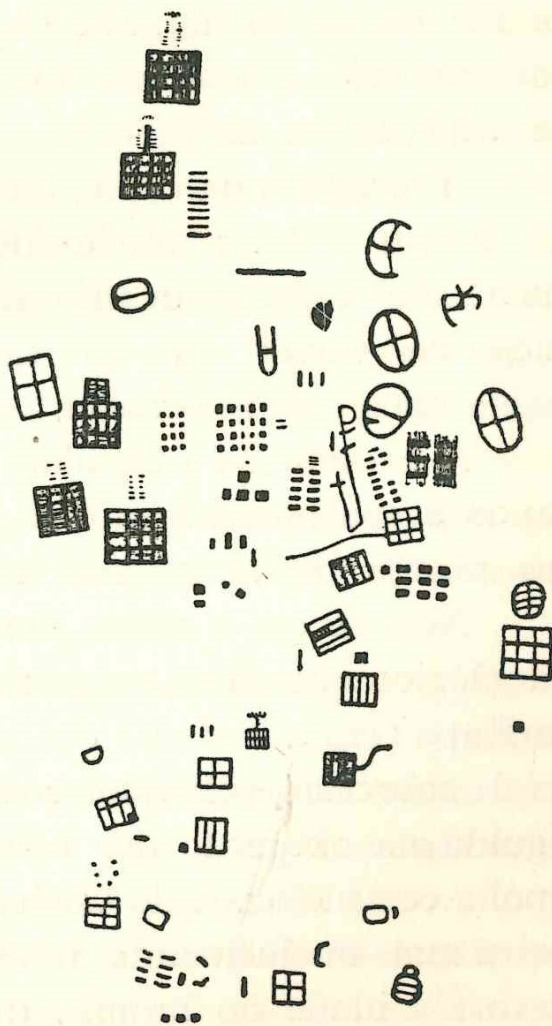


Fig. 5 — Pinturas do Cachão da Rapa.
(Reprodução muito esquematizada das
pinturas a vermelho e negro)

A cerâmica, manual e grosseira, aparece em fragmentos de dimensões bastante reduzidas.

O vaso campaniforme aparece representado no espólio do Cachão da Rapa. Assim o permite supor o estudo do perfil de alguns bordos que mostram um estrangulamento do colo mais ou menos acentuado. São bastante numerosos os fragmentos ornamentados, se bem que predomine francamente a cerâmica lisa, de aspecto rude.

A natureza da pasta, a irregularidade do modelado e mesmo a ornamentação, pobre e rudimentar, conferem à cerâmica do Cachão da Rapa um ar primitivo impressionante. O facto da escavação não haver fornecido qualquer fragmento de metal, ainda mais radica essa impressão.

A cerâmica do Cachão da Rapa pode, se bem que conservando a sua individualidade própria, aproximar-se da cerâmica das grutas de Santo Adrião (Vimioso) (32).

Note-se que é muito pouco o que se conserva do espólio ceramológico daquelas grutas trasmontanas. A cerâmica do Cachão da Rapa tem afinidades com a de Vimioso mas, pelo seu aspecto geral e sobretudo pelos motivos ornamentais, bem como pela técnica seguida na obtenção dos mesmos, somos levados a atribuir ao espólio ceramológico do Cachão da Rapa uma localização cronológica mais evolucionada, um eneolítico avançado, possivelmente mesmo a idade do bronze, que no território vem, seguramente, até aos tempos proto-históricos.

Comparando as pinturas do Cachão da Rapa com as das estações similares da península Ibérica, não se encontra nenhuma que possa identificar-se-lhe perfeitamente. Há, sem dúvida, um certo ar de parentesco entre os sinais em xadrez do Cachão da Rapa e os sinais do mesmo tipo existentes na Eira dos Mouros e noutras estações de gravuras rupestres da Península, mas sem existir aquela íntima semelhança, quasi sobreposição, como

alguns autores quiseram ver. As relações de parentesco são muito mais flagrantes com as placas-ídolos do sul de Portugal. Este facto vem corroborar a hipótese cronológica baseada nos elementos fornecidos pela cerâmica, e ao mesmo tempo fornece elementos para julgarmos da provável significação dêste curioso e único monumento pictográfico. Assim os sinais rectangulares axadrezados seriam representações de ídolos e, conseqüentemente, o conjunto pictográfico um santuário rupestre.

Finalmente, procuraremos sintetizar o estudo sôbre o Cachão da Rapa, nas seguintes conclusões:

1.^a — As pinturas ficam sobranceiras ao rio Douro e estão feitas na superfície lisa e vertical dum enorme rochedo de granito. A superfície referida olha para poente, lado para onde corre o rio.

2.^a — Julgamos que a superfície onde foram pintados os múltiplos e variados sinais não foi preparada de antemão, mas simplesmente aproveitada.

3.^a — O estado da relativa conservação das pinturas explica-se quer pela própria natureza das côres, que só uma análise química elucidaria, quer pela natural disposição da superfície pintada, em parte protegida, no alto, por uma pequena saliência ou «pala» do rochedo.

4.^a — As pinturas ocupam uma área de cêrca de 3 metros de altura por 2 m. de largura.

5.^a — As côres empregadas são um vermelho escuro côr de borra de vinho e um azul tão escuro que quási parece negro.

6.^a — Passam de 30 os sinais ainda hoje existentes. Falta a pretensa representação duma figura humana esquemática masculina, e em todos os sinais predomina a esquematização geométrica.

7.^a — Qual é a significação do monumento? Estará relacionado com manifestações de culto a que o rio Douro não seria

estranho? Terá antes um carácter funerário em relação com inumações feitas próximo daquêle sítio? É possível. Não haverá relações causais entre as pinturas e a existência das anfractuosi-
dades sub-jacentes que o povo designa por *Cova da Moura*? A hipótese que suponho mais plausível é a de que se trata dum santuário rupestre. A essa convicção me leva a natureza dos sinais em xadrez semelhantes no desenho a certas placas-ídolos do sul do país e os múltiplos fragmentos de vasos de barro que encontrei na escavação da plataforma sub-jacente às pinturas.

8.^a — Cronològicamente podemos atribuir as pinturas do Cachão da Rapa ao eneolítico avançado, mesmo à idade do bronze que, no noroeste peninsular, se prolonga até aos tempos da idade de ferro doutras regiões europeias.

Oxalá que, como bem merece, esta notável e única estação pictográfica rupestre seja considerada monumento nacional, e nela se façam as necessárias obras de defesa e conservação.

PINTURAS MEGALÍTICAS

Estudaremos neste capítulo as pinturas que, por vêzes, ornarn a face interna das câmaras dolménicas.

Como é doutrina geralmente aceite, o ocidente peninsular constituiu, no neolítico final e durante o período eneolítico, um centro de notável desenvolvimento cultural, caracterizado por forte espírito de disciplina em obediência a chefes que conseguiam congregar e orientar esforços, por vêzes gigantescos como os que seria necessário dispendar para, sem os aparelhos e máquinas de que hoje dispomos, construir os dólmenes ou antas que, em número de muitas centenas, mesmo milhares, foram erguidos de norte a sul do país.

A doutrina da origem oriental dos dólmenes foi combatida

por notáveis pre-historiadores entre os quais Penk, Salomon, Reinach, Wilke e Breuil, proclamando êste último que a idéia dolménica é em todos os estados do seu desenvolvimento uma idéia ocidental e litoral (33).

O ilustre pre-historiador catalão Bosch-Gimpera (34) prova ser de origem portuguesa a civilização dos monumentos megalíticos que daqui irradiou pelo norte da Península Ibérica até aos Pireneus, e, seguindo pelas serras da Catalunha central, até à costa levante da Espanha. Êstes monumentos pre-históricos são considerados monumentos sepulcrais.

Nas câmaras e galerias de algumas antas portuguesas tem sido registada a presença de pinturas, e é minha impressão de que a sua frequência deve ser maior do que geralmente se supõe, sendo para desejar a realização de pesquisas sistemáticas tendo em vista o inventário das nossas pinturas megalíticas (fig. 6).

O Prof. Dr. Leite de Vasconcelos descobriu-as na Beira, nos esteios de algumas antas ou «orcas» a Norte de Viseu, em Satam e na Queiriga, nomeadamente na Orca dos Juncas e do Tanque (35); encontrou-as o Prof. Dr. Mendes Corrêa em esteios dum dólmen da importante necrópole da serra de Côta (Viseu) (36) e na anta de Vandoma (Paredes), há muito arrasada e por fim removida para terraplanagem do terreno (37); viu-as o Prof. Dr. Amorim Girão numa antela dum grupo de mamôas junto da povoação de Antelas, Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades (Beira Alta), cujas «lages, alisadas na face interna, apresentam uns vivos desenhos em xadrez, a ocre vermelho, estando a tinta perfeitamente conservada, mesmo na parte mais directamente exposta à intempérie» (38).

Santos Rocha refere-as em antas da Sobreda (Oliveira do Hospital) (39).

Ao norte do Douro, além das de Vandoma, atrás citadas, conhecem-se em terras de Barroso as de Sales (Montalegre) des-

cobertas por José Fortes (40), as da «Casa da Moura» de S. João de Ovil (Baião) descobertas por Rui de Serpa Pinto (41), as que se encontram nos dólmenes trasmontanos da Pala da Moura e da Casa da Moura, no concelho de Carrazeda de Ansiães por mim publicadas em 1930 (42) e as que vi num dos esteios do dólmen da Fonte Coberta da Chã de Alijó em 1933, quási totalmente destruídas e portanto de pequeno interêsse (43).

Restos de pinturas, vi-as na face interna dos esteios do dólmen da Portela, Penafiel (44) e também vestígios de pinturas a vermelho, nuns pedaços de esteios da mamôa dos Arcos (45) (S. Pedro Fins, concelho da Maia), há anos arrasada pelo dono da mesma para aproveitar a pedra na construção de uma presa de água.

Citam-se dezanove pinturas dolménicas portuguesas, tôdas localizadas na metade norte do país (fig. 6), e distribuídas em quatro grupos; um, o mais numeroso, formado por 11 orcas ou antelas à roda de Viseu, outro de 3 antas, próximo da foz do Tua, um terceiro grupo, também de 3 dólmenes, próximo do Pôrto e um último grupo, também tridolménico, na fronteira do Norte de Portugal com a Galiza (46). Deduzindo as pinturas da Orca de Forles que já se não distinguem segundo afirma G. Leissner (47) que as visitou em 1934, as da Orca do Fojinho que foi completamente destruída, e a da Mamôa dos Arcos também arrasada, ficam portanto 16 estações de pinturas rupestres nos esteios das câmaras ou dos corredores de outros tantos dólmenes portugueses.

Estas pinturas megalíticas são na maioria pintadas a vermelho escuro, côr de borra de vinho, embora o preto ou azul escuro e o branco apareçam também excepcionalmente, como sucede no dólmen de Côta, cujas pinturas foram estudadas pelo Prof. Mendes Corrêa.

O motivo dominante nestes dólmenes pintados do noroeste peninsular é seguramente o traço ondulado, serpentiforme. Alguns

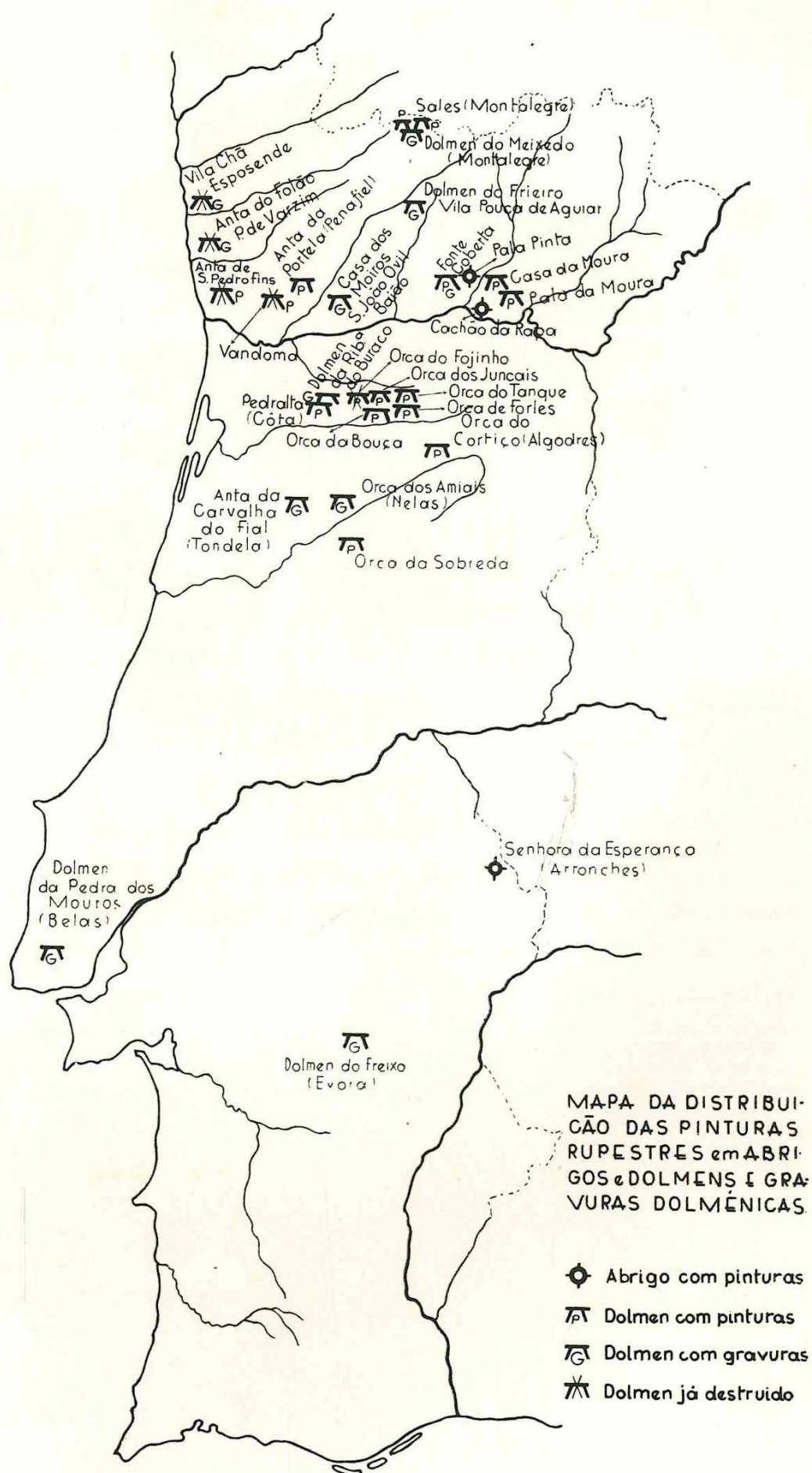


Fig. 6 — Distribuição corográfica de pinturas e gravuras rupestres.

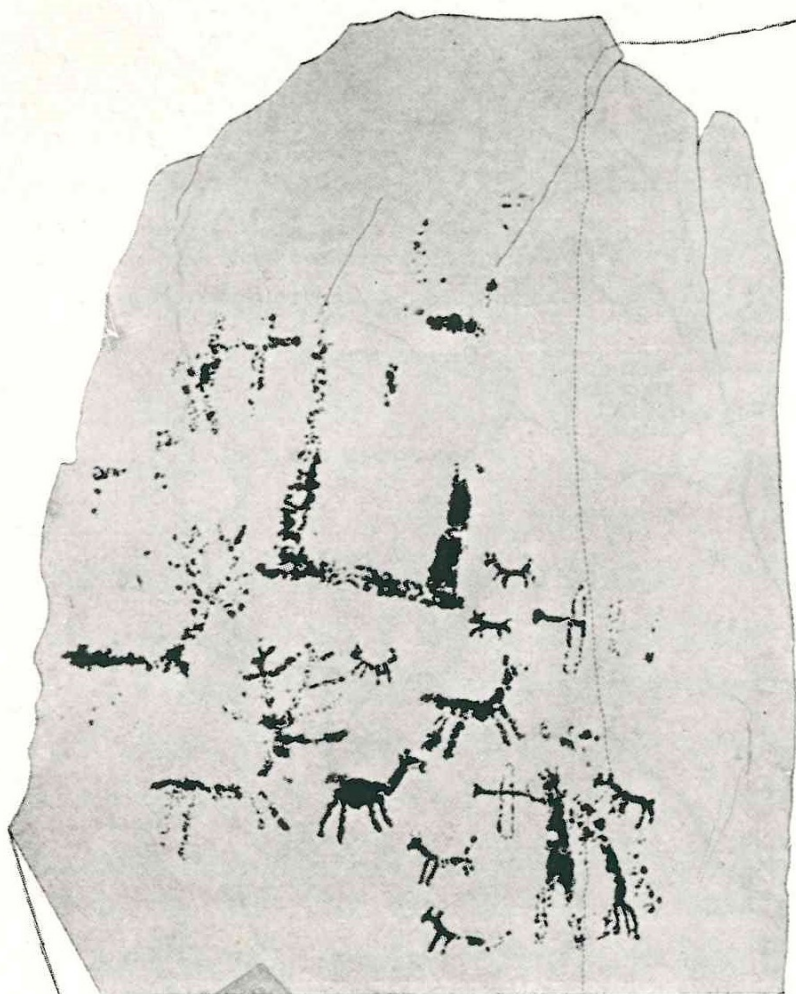


Fig. 7 — Orca dos Juncas. Pinturas da face interna dum esteio da câmara dolménica. Desenho de George Leissner, reproduzido do trabalho d'este autor *Die Malereien des Dolmen Pedra coberta, Ipek, 1934*.



Fig. 8 — Orca dos Juncas — Excelente fotografia de George Leissner, que reproduz parte da magnífica cena de caça, pintada a vermelho na face interna dum esteio da câmara dolménica. Pormenor da figura precedente

dêstes traços parecem representar serpentes. Na anta de Zêdes, que estudámos em 1929, uma das pinturas é nítida representação duma cobra com trinta centímetros de comprimento, tendo a cabeça bem marcada em mancha arredondada, e o corpo ondulado adelgaçando na parte terminal, de molde a figurar uma cauda afilada em ponta. Onde, porém, os traços serpentiformes aparecem em maior número é nos megálitos de Salles e do Padrão (Vandoma).

Dentro do grupo zoomórfico podemos acrescentar os quadrúpedes semi-esquemáticos da Orca dos Juncais (figs. 7 e 8), onde numa bela cena de caça figuram dois veados, duas corças e seis cães.

Muito numerosas são as figuras antropomórficas. Algumas semi-esquemáticas como as da Orca dos Juncais e a do dólmen do Padrão (Vandoma). A grande maioria são porém muito esquematizadas.

Neste tipo evidenciaremos uma figura do dólmen do Padrão, de pernas em arco e corpo linear curto, terminando por quatro linhas sinuosas irradiantes que Breuil interpreta como representando os braços e uma cabeça ornada de chifres.

O maior número das figuras da Casa da Moura, de Zêdes, e da Pala da Moura, de Vilarinho da Castanheira, são estilizações humanas de vários tipos, freqüentes nos documentos da arte rupes-tre peninsular.

Outras representações antropomórficas muito esquematizadas, quer isoladas, quer aos pares (casal de homem e mulher), quer ainda em grupo (concrecentes) encontram-se nas Orcas dos Juncais, do Tanque, da Sobrêda, etc.

Merecem uma especial referência as pinturas do dólmen de Pedralta (Côta), estudadas pelo Prof. Mendes Corrêa, e conservadas no Museu anexo ao Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto.

Um dos esteios pintados apresenta, sôbre fundo branco, dois compridos sinais ramiformes pintados de vermelho, e um terceiro ramiforme da mesma côr, mas muito mais pequeno, intercalado na base dos dois maiores. Além dêstes vêem-se restos de sinais semelhantes que deviam cobrir a restante superfície do esteio.

O outro esteio (fig. 9) apresenta, também sôbre fundo branco,

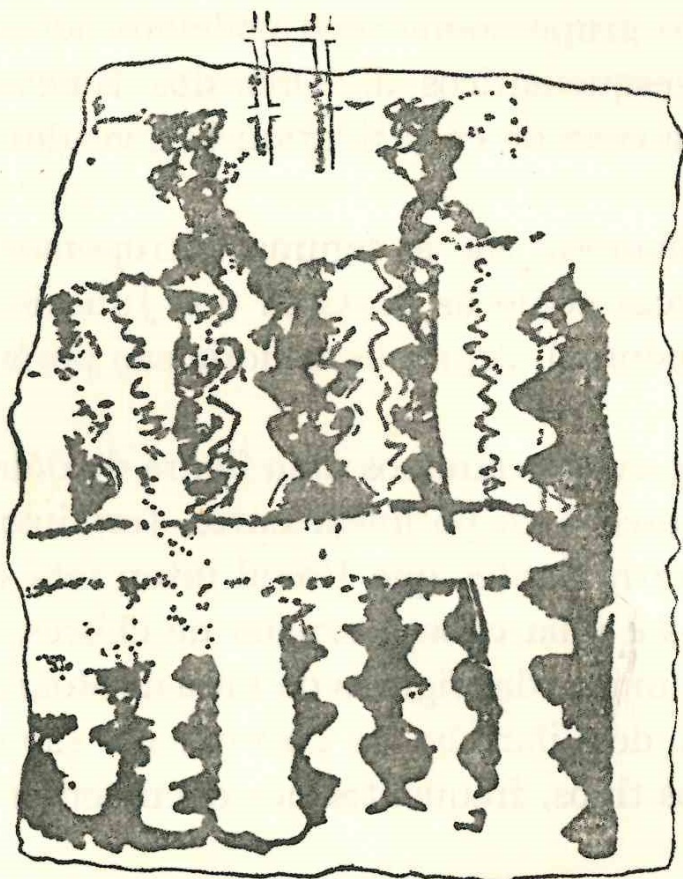


Fig. 9 — Dolmen de Pedralta (Serra de Côtã — Viseu). Pintura da face interna dum esteio que o Prof. Mendes Corrêa considera «representação notável, ornamental do ídolo eneolítico»

várias faixas vermelhas denteadas, traços ondulados de côr vermelha-alaranjada, e ainda alguns poucos traços negros limitando o contôrno das referidas faixas vermelhas e denteadas. Na justa in-

interpretação do Prof. Mendes Corrêa, trata-se de «uma representação muito notável e ornamental do ídolo eneolítico, mais rica, mais decorativa e mais estilizada do que o ídolo, muito conhecido, pintado no abrigo de Peña-Tu (Astúrias) (48). Para Breuil (49) trata-se dum «groupe disposé en composition décorative d'ensemble de figurations à signification féminine ou dérivée».

A cronologia das pinturas megalíticas está ligada, como é lógico, à cronologia dos dólmènes em que as mesmas se observam, no caso de admitirmos a sua contemporaneidade.

Pelo que respeita a esta cronologia, é doutrina assente que as construções dolménicas se distribuem por várias épocas, sendo geralmente aceite que essas épocas vão desde o neolítico final à idade do bronze, decorrendo portanto em período neo-eneolítico.

De tôdas as pinturas megalíticas portuguesas a mais antiga, de cronologia seguramente neolítica, deve ser a movimentada cena de caça em que figuram vários homens acompanhados de 6 cães, enfrentando 2 veados e 2 corças (figs. 7 e 8). É um quadro dum certo realismo, afastando-se grandemente das representações estilizadas das pinturas dolménicas trasmontanas, e das ornamentações geométricas das orcas beirôas, estas certamente desenvolvendo-se em plena idade do bronze.

GRAVURAS RUPESTRES

Até à data não se conhecem gravuras rupestres em grutas portuguesas; são no entanto abundantíssimas, em muitos penedos de granito e alguns de xisto, ao ar livre, especialmente na metade norte de Portugal, e aparecem também, embora com muito menos frequência, nos esteios e mesas de algumas antas portuguesas.

Dos megálitos portugueses é especialmente notável a anta da Carvalha do Fial «já sem chapéu, mas com vestígios bem evidentes de galeria», que tem a face interna dos seus esteios coberta de múltiplos sinais gravados.

O Prof. Amorim Girão, que foi o seu descobridor, descreve assim êste seu notável achado (50): «As lages graníticas que a formam são de dimensões não muito grandes (51) e muito tôscas e irregulares, o que se explica pela dificuldade que havia em obtê-las na localidade e suas imediações. Tôdas estas lages (52) aparecem cobertas, na sua face interna, de sinais gravados com forma muito variada, mas do mesmo género dos que apontamos».

Nas páginas que antecedem a transcrição que acabamos de fazer, o Prof. Amorim Girão descreve algumas estações rupestres de ar livre onde aparecem ferraduras, sinais rectangulares, cruces, círculos concêntricos, rectângulos com cruz inscrita (cantinhos), sinais em xadrez, covinhas, etc., e pela figura que reproduz o desenho «dalguns sinais contidos na lage principal», vê-se que no grupo de cinqüenta e tantos sinais da mesma há 10 cruces, 8 ou 9 ferraduras, 10 alfabeticiformes e 1 ou 2 pègadas humanas.

Êste monumento lítico, notável pelas suas gravuras, se é na verdade uma anta, constitue documento único e anómalo na pre-história portuguesa, quer pela natureza dos sinais gravados, quer pela profusão dos mesmos.

De resto, a pág. 13 do trabalho cit., o Prof. Amorim Girão aponta o carácter aberrante desta anta, na qual, diz, «se revela um sistema construtivo diverso do que geralmente se põe em prática nos outros monumentos megalíticos regionais. A câmara sepulcral é quadrangular, e as lages, tôscos blocos de dimensões relativamente pequenas, foram dispostas sôbre o solo, e não colo-

cadadas ao alto, como era vulgar nas antas e antelas, demonstrando assim um progressivo abandono das formas de construção que tão singularmente assinalavam a idade de pedra».

Tratar-se-á duma verdadeira anta, ou dum grupo de blocos gravados que pela sua disposição lembrem uma antela? A natureza especial dêste monumento, e o seu interêsse como documento de arte rupestre, justificam o seu estudo mais cir-

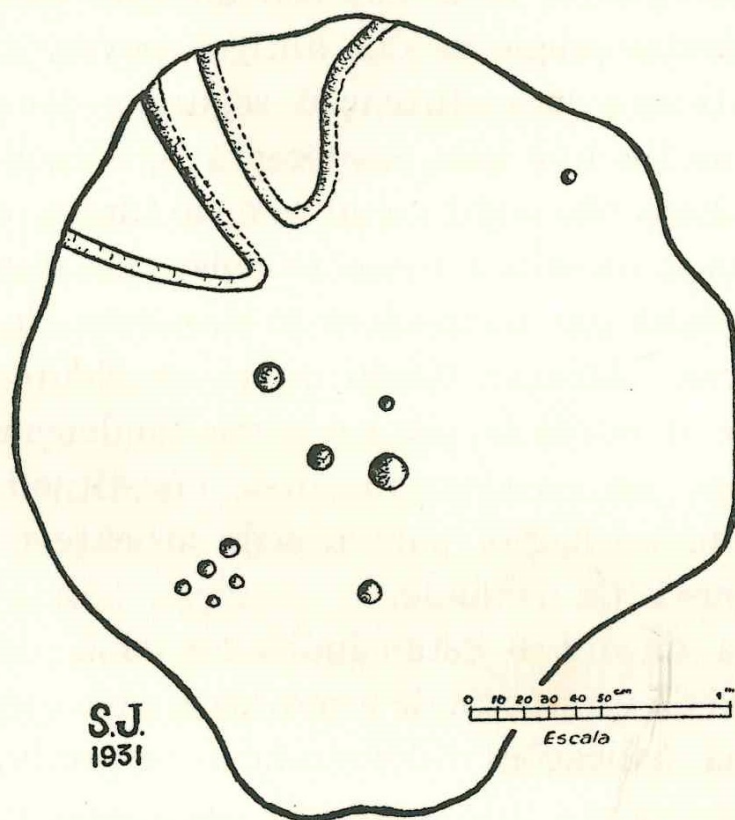


Fig. 10—Gravuras da mesa ou chapéu da Casa da Moura de Zêdas, concelho de Carrazedas de Ansiães

cunstanciado, que oxalá o Prof. Amorim Girão possa realizar brevemente.

Em alguns dólmenes que tenho visitado no norte do país, aparecem gravuras, sulcos e covinhas que não são pròpriamente sinais no género dos da anta do Fial.

Citarei apenas o dólmen de Zêdes, cujas insculpturas se reproduzem na fig. 10.

Dado o facto de muitos dólmenes terem posteriormente sido aproveitados como mesas ou altares para consagração aos deuses, nomeadamente sacrifícios, imediatamente ocorre que os sulcos e covinhas do dólmen de Zêdes pudessem ter servido para nelas verter o sangue do animal sacrificado, ou depor as vísceras do mesmo, pelas quais o sacerdote tiraria conclusões, para pre-dizer o futuro e formular os seus auspícios.

Mas se êstes raciocínios não são ilógicos, dado o conhecimento das práticas religiosas dos antigos povos, nada há que permita garanti-los como afirmação segura, e até pelo que respeita ao sangue há que não esquecer a sua fácil coagulação.

A arqueologia não pode, como de resto tantos outros campos do saber humano, dominar todos os mistérios que lhe cumpre desvendar. À falta do conhecimento absoluto da verdade as hipóteses lógicas, além de constituírem excelente instrumento de trabalho, pelos novos aspectos e novas tendências que muitas vêzes imprimem aos estudos em curso, constituem além disso, até certo ponto, refrigério, para a sêde ardente que abrasa os espíritos em busca da verdade.

Na carta da fig. 6 estão indicados onze dólmenes, nos quais há notícia da existência de gravuras, e que a seguir se inventariam com as indicações bibliográficas respectivas.

Inventário das gravuras megalíticas

Vila Chã, Esposende. — Apud Rui de Serpa Pinto, «*Petroglifos de Sabroso e a Arte Rupestre em Portugal*», Publ. do Seminário de Estudos Galegos, Coruña, 1929, pág. 7.

Anta da Portela, Santa Marta, Penafiel. — Pedro A. de Azevedo *O Penedo das Merendas*. «O Arch. Port.», XI, 1906, pág. 238.

Anta do Folão, Póvoa de Varzim — Martins Sarmento, adenda



Fig. 11 — Gravura num esteio do dólmen de Chã da Parada, Serra da Aboboreira, conhecido pelo nome de «Casa dos Moiros», freguesia de S. João de Ovil, Baião. Descoberta de Rui Serpa Pinto em 1933. (Foto George Leissner)

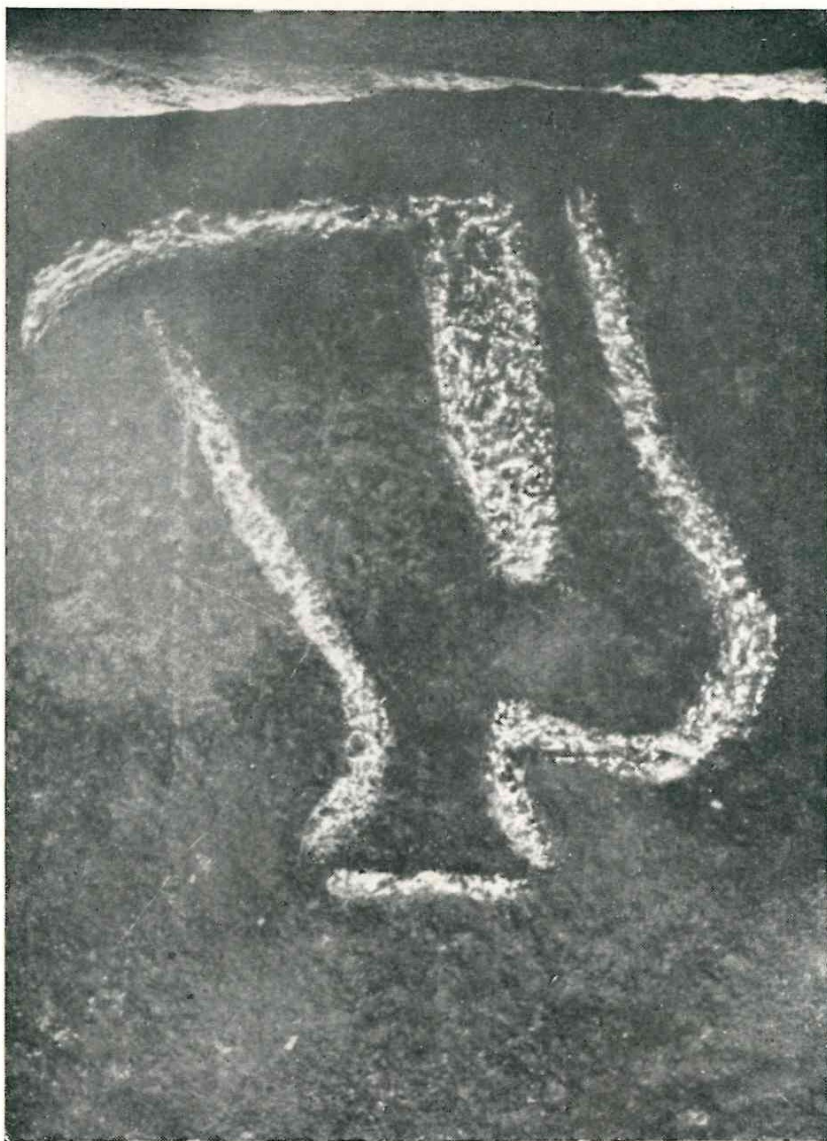


Fig. 12—Gravura num esteio do dólmen de Chã da Parada, Serra de Aboboreira, freguesia de S. João de Ovil, Baião, onde é conhecido pelo nome de «Casa dos Moiros». Descoberta de Rui de Serpa Pinto que dela deu conta em comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia em sessão de 24 de Fevereiro de 1933. (Foto de George Leissner)

- à *Notícia arqueológica sobre o Monte da Cividade*, (de Bagunte), Rev. de Guimarães, III, 1886 (53).
- Dólmen de Meixedo, Montalegre. — F. Barreiros, *Materiais para a Arqueologia do Concelho de Montalegre*. «O Arch. Port.», pág. 7.
- Dólmen de Frieiro, Vila Pouca de Aguiar. — J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, 1, pág. 358-359.
- Dólmen da Chã de Alijó, Alijó (minha observação em Out.º de 1933). — Coteló Neiva, *O Dólmen da Fonte Coberta na Chã de Alijó*, sep. do Bol., da Assoc. de Filosóf. Natural, 1, n.º 5, Pôrto, 1938.
- Casa dos Moiros, Chã de Parada, Serra da Aboboreira, S. João de Ovil, Baião. — Descoberta de Rui Serpa Pinto comunicada à S. P. A. E. em sessão de 24 de Fevereiro de 1933. (Figs. 11 e 12).
- Casa da Moira, Zêdes, Carrazeda de Ansiães. — J. R. Santos Júnior. *Pinturas Megalíticas no concelho de Carrazeda de Ansiães*. Pub. do Instituto de Antropologia da Fac. de Ciências da Universidade do Pôrto, Pôrto, 1930, pág. 20. (Fig. 10).
- Dólmen da Ribeira do Buraco, Côta, Viseu. — A. A. Mendes Corrêa. *Nouveaux documents sur l'art préhistorique au Portugal*, separata da «Revue Anthropologique», xxxviii, Paris, 1928, pág. 169.
- Anta da Carvalha do Fial, Tondela. — A. Amorim Girão. *Arte Rupestre em Portugal* (Beira Alta), Sep. da «Rev. Biblos», 1, n.º 3, Coimbra, 1925, pág. 11 e 12.
- Orca dos Amiais também chamada Cova dos Moiros, freguesia de Senhorim, concelho de Nelas, Beira Alta. — J. Leite de Vasconcelos, *Religiões cit.*, 1, pág. 364, fig. 79.
- Dólmen da Pedra dos Mouros, Belas. — Vergílio Correia, *Gravuras do Dólmen da Pedra dos Mouros* (Belas), «Terra Portuguesa», II, 1917, pág. 185.

Dólmen do Freixo, Évora. — E. Cartailhac, *Les âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, 1886.

Se registássemos os casos de existência de covinhas, o número de antas a apontar seria bastante maior. Por agora abstraímos dêsses casos. Não quero porém deixar de citar o caso notável da existência de 32 covinhas na superfície dum esteio dum dólmen de Carrazedo de Alvão que ali foram descobertas pelo Prof. Mendes Corrêa (54).

É provável que em muitos outros dólmenes do nosso país se venham a registar gravuras rupestres, quer nos esteios, quer na face superior das coberturas daquêles que ainda as possuem, logo que observações cuidadosas e sistemáticas se possam realizar nêsse sentido.

GRAVURAS EM ROCHEDOS

Na superfície de rochedos ao ar livre, aparecem com relativa freqüência, ao menos em certas regiões, grande número de sinais insculpidos.

O número de estações rupestres dêste tipo é já elevado, mas o seu número será aumentado quando se puderem fazer pesquisas metódicas que tenham em vista o seu inventário. Não se compreende por ex. que no concelho de Carrazeda de Ansiães haja um verdadeiro ninho de gravuras rupestres e no concelho fronteiro de S. João da Pesqueira, na outra margem do rio Douro não esteja registada até hoje, ao menos que eu saiba, uma só estação rupestre. Há-as certamente. Falta no entanto percorrer a região para se fazer o reconhecimento e estudo das que por lá houver.

No Minho, estou certo que devem existir mais estações rupestres do que as que até agora têm sido publicadas e que figuram na carta da fig. 13.



Fig. 13—Carta da distribuição corográfica das gravuras rupestres em rochedos



A profusão destas gravuras em Trás-os-Montes é notável. O seu reconhecimento deve-se em grande parte ao incansável investigador e arqueólogo de grande mérito Padre Francisco Manuel Alves, ilustre abade de Baçal, que, especialmente no vol. IX das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, a elas largamente se refere num vasto capítulo que abrange nada menos de 110 páginas.

No inventário que segue estão seriadas as gravuras rupestres. Excluem-se aquelas onde aparecem somente covinhas e as que são apontadas como tendo um único sinal gravado, cruz, pègada, ferradura, etc.

Pelo seu carácter muito especial também se não referem aqui as gravuras em pedras avulsas encontradas nos dólmens de Alvão (Vila Pouca de Aguiar), que pelo seu carácter nitidamente alfabetiforme têm merecido estudos especiais (55).

Inventário das gravuras rupestres em penedos ao ar livre

- 1 — *Cova da Moura e Pegadinhas de S. Tiago* — Vd. *Antigualhas de Monção, Castelo dos Milagres e Cova da Moura*, «Arch. Português», vol. VII, pág. 285-286.
- 2 — *Gião, Arcos de Val de Vez* — Joaquim Fontes, *Uma excursão arqueológica à Galiza*, «Arqueologia e História», v, Lisboa, 1917; id., *Sobre algumas figuras rupestres do santuário pre-histórico do Gião*, «Revista de Arqueologia», Lisboa, 1932, 8 pág. e 2 fig.; id., *Figuras rupestres astraais do santuário pre-histórico do Gião* (Arcos-de-Valdevez), in «Homenagem a Martins Sarmento», Guimarães, 1933, pág. 120-121, 1 fig.; id., *Várias Modalidades do sinal cruciforme no santuário pré-histórico do Gião* (Arcos-de-Valdevez) in «Revista de Arqueologia», Lisboa, 1934, pág. 9 e 13 figs.
- 3 — *Cividade de Cossourado, Paredes de Coura* — Felix Alves

- Pereira, *Rascunho de velharias de Entre Lima e Minho*, «O Arch. Port.», xxvi, 1924, p. 251.
- 4 — *Quinta do Cardido*, Ponte de Lima.
 - 5 — *Penedo do Trinco* ou *Pedra Picadeira*, vertente sul do monte de Góis, Lanhelas, Caminha — Abel Viana, *As insculpturas rupestres de Lanhelas* (Caminha, Alto Minho), in «Portucale», pág. 350 e seg., fig. 5, 6, 7, 8, 9 e 10.
 - 6 — *Lage da Chã das Carvalheiras*, Chã das Carvalheiras, Lanhelas, Caminha — id., id., pág. 289, fig. 2, 3 e 4.
 - 7 — *Lage das Fogaças*, Chã das Castanheiras, Lanhelas, Caminha — id., id., vol. 11, 1929, pág. 283, fig. 1.
 - 8 — *Penedo da Bouça Velha*, Outeiro da Capela de S. Martinho, Lanhelas, Caminha — id., id., pág. 353 e seg. fig. 11 e 12.
 - 9 — *Viana do Castelo* — Apud Rui de Serpa Pinto, *Petroglifos de Sabroso e a Arte Rupestre em Portugal* cit.; P.^e Eugénio Jalhay, *Los Grabados Rupestres del Extremo Sudoeste de Galicia (Alderedores de Oya-Provincia de Pontevedra)*, «Bol. Arqueológico de la Com. Prov. de Monumentos de Orense», VII, n.º 167, 1926, pág. 373).
 - 10 — *Saia*, Carvalhas-Barcelos — *Materiais para a arqueologia da comarca de Barcelos*, «Rev. de Ciências Naturais e Sociais», III, Pôrto, 1895. Apud Rui de Serpa Pinto, cit., pág. 7-10.
 - 11 — *Eira dos Mouros* (Barcelos) — Informação do sr. Francisco Esteves.
 - 12 — *Santa Marta*, Braga — Albano Bellino, *Cidades Mortas*, «O Arch. Port.», XIV, 1909, pág. 1.
 - 13-14-15-17 — Apud, Rui de Serpa Pinto, *Petroglifos de Sabroso*, etc., cit., *Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães*, «Rev. de Guimarães», XVI, XVIII, XIX, XXI, XXII.
 - 16 — *Gravuras Rupestres de Sabroso*, Sabroso, Guimarães — Rui de Serpa Pinto, *Petroglifos de Sabroso e a Arte Rupestre em Portugal*, Seminário de Estudos Galegos, A Coruña, 1929.

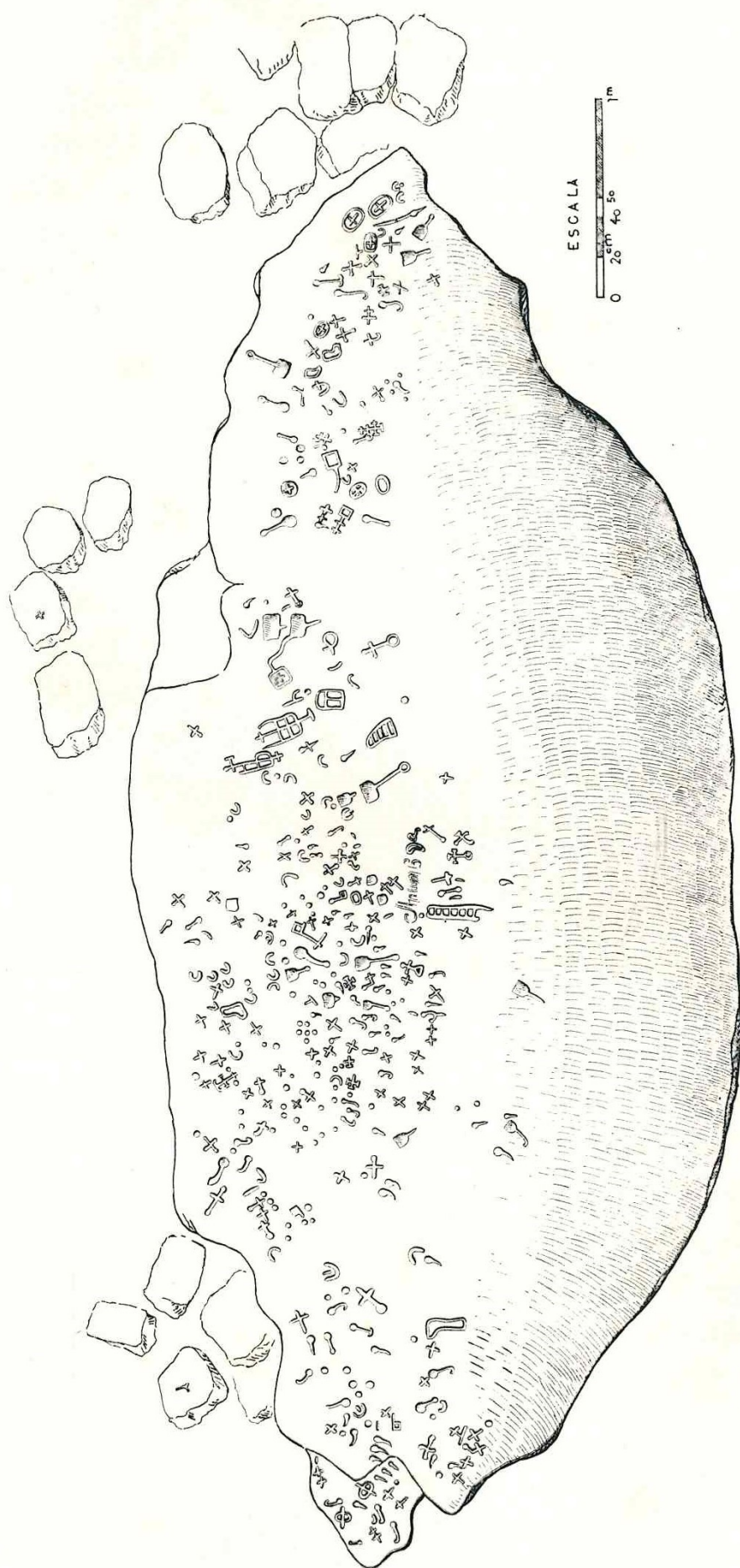


Fig. 14 — Gravuras rupestres do Outeiro Machado, Aboboreira, Chaves.
Descoberta do Prof. Mendes Corrêa.

- 18 — *Bagunte, Vila do Conde* — Apud Rui de Serpa Pinto cit. pág. 7.
- 19 — *As Ferraduras, Maganha-Santiago de Bougado-Trofa* — inédito.
- 20 — *Pedra Partida, Ardegães-Maia* — inédito.
- 21 — *Eira dos Mouros, Vilar de Luz-Folgosa-Maia* — Informe do Dr. Luciano Maia Ferreira de Sá.
- 22 — *Monte do Castelo, Penafiel* — A. A. Mendes Corrêa, *O Petroglifo do Guerreiro Lusitano do Monte do Castelo de Penafiel*, «Brotéria», série mensal, iv, 1927.
- 23 — *Entre-os-Rios* — Ab. Vieira de Andrade, *Castro de Entre-os-Rios* in «O Arch. Port.», xxiii, 1918, p. 74.
- 24 — *Pègadinhas de S. Gonçalo, junto ao marco (menhir) de Luzim, Penafiel*. — Inédita.
- 25 — *Gravuras de Lumar, freguesia de Luzim, Penafiel* — Inédita.
- 26-27-28 — *Marco de Canavezes* — Apud Rui de Serpa Pinto, *Petrogl. de Sab.º*, pág. 7.
- 29 — *Petroglifos do Vale de Avelames, Têrmo de Vila Meã, concelho de Vila Pouca de Aguiar* — A. A. Mendes Corrêa, *Art Rupestre en Trás-os-Montes*, in «Revue Archéologique». Paris, 1929, pág. 121 e seg. fig. 1 e 2.
- 30 — *Outeiro Machado, Aboboleira, Chaves* — A. A. Mendes Corrêa, *Art Rupestre en Trás-os-Montes* in «Rev. Archéologique», Paris, 1929, pág. 126 e seg. fig. 3 a 12. (Fig. 14).
- 31 — *Outeiro da Moeda, Mairos, Chaves* — Inédito.
- 32 — *Outeiro do Salto, Castelanchos, Mairos, Chaves* — Inédito. (Fig. 15).
- 33 — *Fraga das Ferraduras, Junto da Capela de Nossa Senhora de França, têrmo de Rebordelo, concelho de Vinhais* P.^e Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, vol. ix, Pôrto, 1934, pág. 648, fig. na mesma pág.

- 34 — *Fraga da Estrêla*, têrmo de Sendim, freguesia de Edral, conc. de Vinhais, id., id., pág. 653-654, fig. na pág. 654.
- 35 — *Fraga das Ferraduras*, sítio das Fragas, freg. de Edral, conc. de Vinhais, id., id., pág. 655.
- 36 — *Fraga do Sarilho*, Têrmo de Pinheiro Novo, conc. de Vinhais id., id., pág. 646-647.
- 37 — *Fraga das Ferraduras*, Cerdedo, freg. de Montouto, Vinhais, id, id., pág. 619-620, fig. na pág. 620.
- 38 — *Fraga da Boa-Vista*, têrmo de Casares, freg. de Montouto, Vinhais, id., id., vol. x, pág. 823-824.
- 39 — *Fraga da Falgueira Rúbia*, têrmo de Casares, id., id., vol. ix, pág. 824-825.
- 40 — *Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora*, Ribeira de Carriças, têrmo de Travanca, conc. de Vinhais, id., id., pág. 660 e seg., fig. na pág. 661.
- 41 — *Insculturas do Marcão*, sítio do Marcão, têrmo de Travanca, conc. de Vinhais, id., id., pág. 663, fig. na pág. 662.
- 42 — *Eira do Castro*, têrmo de Moás, conc. de Vinhais, id., id., pág. 638.
- 43 — *Eira do Outeiro, Fraga do Gato, Cabeço de Cabrões, Fraga do Lagarto e Fraga do Cavalo Branco*, termo de Vila Verde, concelho de Vinhais, id., id., pág. 664 e seg., fig. na pág. 664.
- 44 — *Fraga da Ponte de Moimenta*, contígua à ponte da Moi-

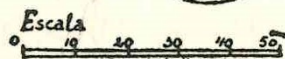
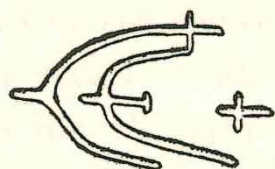


Fig. 15 — Parte das gravuras do Outeiro do Salto (Mairos-Chaves). É especialmente notável o sinal do alto, representação dum ídolo que lembra os ídolos-placas da civilização dolménica do sul do país.

- menta sôbre o rio Tuela, têrmo de Moimenta, quási na fronteira, conc. de Vinhais, id., id., pág. 639.
- 45 — Rochedo de xisto com gravuras, no sítio de Lombeiro de Maquieiros, margem do rio Baceiro, têrmo de Gondesende, conc. de Bragança. Abade de Baçal, *Memórias Arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, vol. x, pág. 825 e Coronel Lopo. «Arch. Port.», v, pág. 16.
- 46 — *Fraga da Ramada*, Espinhosela, conc. de Bragança, Abade de Baçal, *Mem. Arq. Dist. de Bragança*, vol. ix, pág. 621, fig. na mesma pág.
- 47 — *Fraga Medideira*, Lama das Onzelhas, têrmo de Montessinho, freguesia de França, conc. de Bragança, id., id., pág. 641, fig. na mesma pág.
- 48 — *Penas Escrevidas*, Guadramil, Bragança. Informação obsequiosa do Eng.º Barata da Rocha.
- 49 — *Fonte do Pácio*, Baçal, Bragança, Abade de Baçal, *Mem. Arq. Dist. de Bragança*, vol. ix, Pôrto, 1934, pág. 613, fig. na pág. 614.
- 50 — *Fraga do Poço do Seixo e Fraga do Poço do Cavalo*, margem do rio de Igrejas, têrmo de Vale de Lamas, conc. de Bragança. id., id., pág. 663-664.
- 51 — *Letras do Cabeço da Velha*, têrmo de Labiados, conc. de Bragança. id., id., pág. 628 e seg. e 4 fig.
- 52 — *Fraga das Ferraduras*, sítio da Fonte do Milagre, têrmo de Rebordãos, conc. de Bragança. id., id., pág. 648, fig. na mesma pág.
- 53 — *Escrita, Pena Escrita ou Fraga dos Fusos*, no caminho para a Senhora da Serra, têrmo de Sortes, conc. de Bragança. id., id., pág. 657-658, 3 figs.
- 54 — *Petroglifos da Serra da Pena Mourisca*, têrmo de Bousende, conc. de Macedo de Cavaleiros. id., id., vol. ix, pág. 579-615 e vol. x pág. 823.

- 55 — *Fraga das Ferraduras*, Chairas, Macedo de Cavaleiros. Candida Florinda Ferreira, *Carrazeda de Ansiães* — Notas monográficas, 1932, pág. 74; Abade de Baçal, *Mem. Arq. Dist. de Bragança*. cit., vol. ix, pág. 660. (Figs. 16 e 17).
- 56 — *Insculturas de Serapicos*, junto à Fonte dos Engaranhos no Santuário da Senhora do Aviso, termo de Serapicos, concelho de Bragança. id., id., pág. 655, 656 e 657, 2 figs.
- 57 — *Fraga das Ferraduras*, sítio chamado «Da Casa», cabeço de Mata Mouros, termo da Paradinha Nova, conc. de Bragança. id., id., pág. 645.
- 58 — *Escrita ou Fraga Escrevida*, Ribeira de Ansiães, termo de Paradinha Nova, Bragança. id., id., pág. 643 e seg., fig. na pág. 643.
- 59 — *Penhasco Insculpido*, Fronteiro à Fraga Escrevida do n.º precedente, na outra margem do Sabor. id., id., pág. 644.
- 60 — *Fraga com Ferraduras*, Cabeço das Freiras na margem do Sabor a juzante da ponte de Valbom, Bragança. id., id., pág. 617.
- 61 — *Fraga com Letras ou Rabiscos na Vinha do Judeu*, termo de Outeiro, concelho de Bragança. id., id., T. ix, pág. 643.
- 62 — *Fraga da Cortinha do Poço*, sítio Trás-da-Tôrre, Malhadas, Miranda do Douro. id., id., pág. 636, fig. na mesma pág.
- 63 — *Fraga da Lameira do Mular*, Malhadas, Miranda do Douro. id., id., pág. 637.
- 64 — *Fraga da Penhalta*, Malhadas, Miranda do Douro. id., id., pág. 637-638.
- 65 — *Pegadas da Rodela e Curvaceira*, termo de Ifanes, concelho de Miranda do Douro. id., id., pág. 627-628, fig. na pág. 628.
- 66 — *Pedras com Letras*, Vale de Fontes, povoação anexa de Miranda. id., id., pág. 663.



Fig. 16 — Fraga das Ferraduras, Chairas, Macedo de Cavaleiros.
(Foto Santos Jr.)



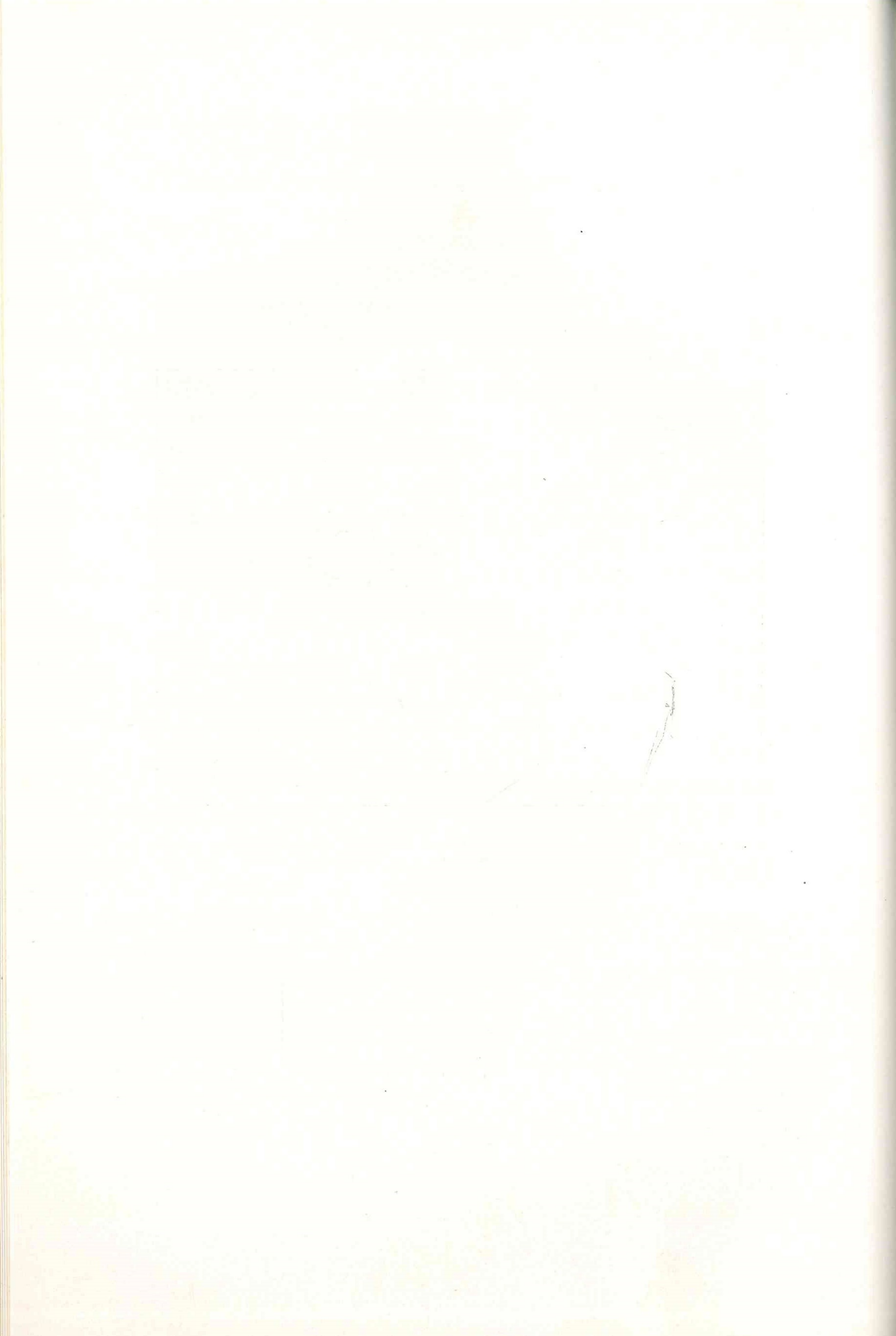
Fig. 17 — A mesma fraga da figura
precedente vista de lado. (Foto San-
tos Jr.)



Fig. 18 — Pedra Escrita de Ride Vides, Vilariça, Alfândega da Fé.
(Foto Santos Jr.)



Fig. 19 — Pedra escrita do Poço da Moura, Vilariça, termo de Assares, Vila Flor. (Foto Santos Jr.)



- 67 — *Fraga do Cavalo*, sítio da Pôça do Galo, Póvoa, Miranda do Douro.
- 68 — *Pé da Moura*, sítio de Teliques, Póvoa, Miranda do Douro. Abade de Baçal, *Mem. Arq. Dist. de Bragança*, vol. x, Pôrto, 1938, pág. 811.
- 69 — *Insculturas de S. Fagundo* (Picote-Miranda do Douro), id., id., pág. 817-818.
- 70 — *Pena do Gato*, têrmo de Saldonha, conc. de Mogadouro. id., id., vol. ix, pág. 652.
- 71 — *Fraga das Cruzes*, têrmo de Sampaio, conc. de Mogadouro. id., id., pág. 652.
- 72 — *Fraga do Peredo Galego*, têrmo de Travanca, conc. de Mogadouro. id., id., pág. 658.
- 73 — *Fraga do Campanário*, Lamoso, conc. de Mogadouro. id., id., pág. 634.
- 74 — *Pedra Balouçada e Fraga das Ferraduras*, Algosinho, 14 km. a nascente de Mogadouro, conc. de Mogadouro. id., id., pág. 613 e 108.
- 75 — *Penedo da Cobra do Prado do Junco*, têrmo de Estevais, conc. de Mogadouro. id., id., pág. 622 e seg. fig. na pág. 622.
- 76 — *Fraga das Cruzes*, Cigadonha-Carviçais-Moncorvo. Santos Júnior, *As Ruínas Castrejas de Cigadonha*, Pôrto, 1929, pág. 12.
- 77 — *Baldoeiro*, Vilariça, Moncorvo. Santos Júnior, *As serpentes gravadas do Castro do Baldoeiro*, Compte-rendu do Congresso Int. de Antrop., Pôrto, 1930.
- 78 — *Pedra Escrita de Ride Vides*, Vilariça, Alfândega da Fé, Ab. de Baçal, *Mem. Arq. Hist. do Dist. de Bragança*, vol. ix, pág. 649 e segs. e 3 figs. Minha observação em 1932. (Fig. 18).
- 79 — *Pedra Escrita do Poço da Moura*, Vilariça, têrmo de Assares, conc. de Vila Flor. Inédito. (Fig. 19).

- 80 — *Fraga dos Mouros*, têrmo de Freixiel, conc. de Vila Flor. Abade de Baçal, *Mem. Arq. Dist. de Bragança*, vol. x, pág. 626, fig. na mesma pág.
- 81 — *Fraga da Moura*, Zêdes, Carrazeda de Ansiães. Inédito.
- 82 — *Fraga das Ferraduras*, Belver, Carrazeda de Ansiães. Ab. de Baçal, *Mem. Arq. Hist. do Dist. de Bragança*, ix, pág. 613 e segs. fig. na pág. 615. (Fig. 20).
- 83 — *Fraga das Ferraduras*, Linhares, Carrazeda de Ansiães. J. R. dos Santos Júnior, *Gravuras Rupestres de Linhares*, *A fraga das ferraduras*, in «Trab. da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», vol. vi, Pôrto, 8 págs. 4 figs. (Fig. 21).

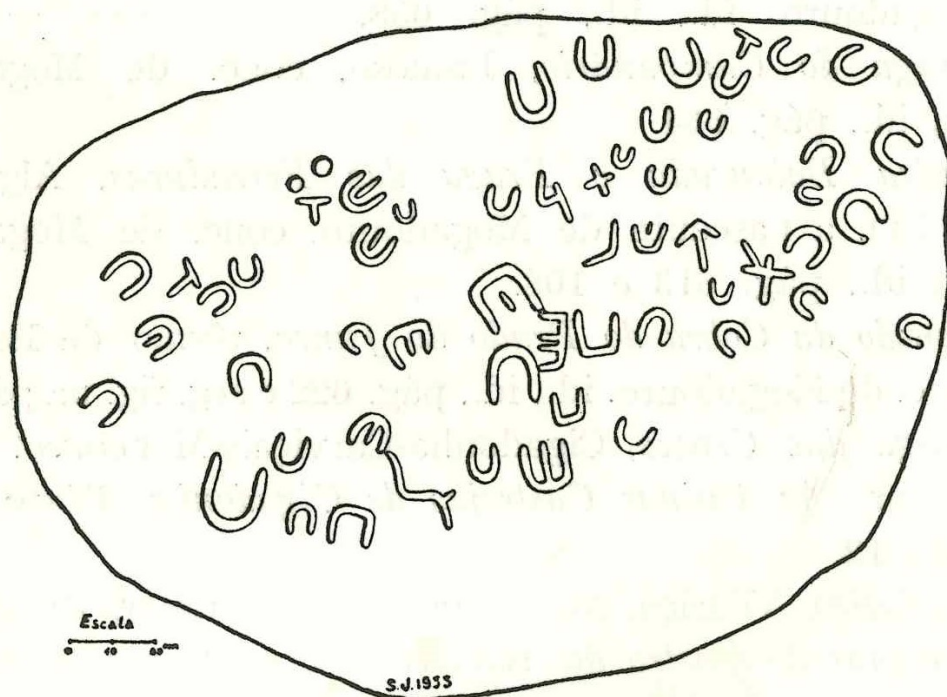


Fig. 21 — A Fraga das Ferraduras, freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães

- 84 — *Fraga das Ferraduras*, junto da Capela da Senhora da Graça, têrmo de Samorinha, conc. de Carrazeda de Ansiães. Ab. do Baçal, *Mem. Arq. Dist. de Bragança*, vol. x, págs. 652, fig. na mesma pág.



Fig. 20 — Fraga das Ferraduras, do sítio de Valongo, entre Belver e Fonte Longa, Carrazeda de Ansiães. (Foto Santos Jr.)



Fig. 22 — Gravuras rupestres do Murancho, termo de Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães. (Foto Santos Jr.)



Fig. 23 — Gravuras rupestres de Murancho, termo de Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães. (Foto Santos Jr.)



Fig. 24 — Gravura rupestre de Fornos dos Moiros, serra do Arestal, concelho de Sever de Vouga. (Foto do Dr. Alberto Souto)

- 85 — *Fraga da Ferradura*, Serrinha, Pombal, conc. de Carrazeda de Ansiães. Inédito.
- 86 — *Murancho*, Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães. Inédito. (Figs. 22 e 23).
- 87 — *Eira da Codeceira*, Ribalonga conc. de Carrazeda de Ansiães. Inédito.
- 88 — *Sítio das Ferraduras*, Ribalonga. Inédito.
- 89 — *Sardoura*, Castelo de Paiva. Apud Rui de Serpa Pinto, *Petroglifos de Sabroso e a Arte Rupestre em Portugal*, publ. do Seminário de Estudos Galegos, «A Coruña», 1929, pág. 7.
- 90 — *Outeiro dos Riscos*, Freguesia de Cepelos, conc. de Vale de Cambra. Alberto Souto, *Arte Rupestre em Portugal*, in «Trab. da Soc. Port. de Antrop. e Etnol», vol. v, Pôrto, 1931, pág. 285-300 e 4 figs.
- 91 — *Fornos dos Mouros*, Serra do Arestal, concelho de Sever do Vouga. id., id., pág. 288 e segs. (Fig. 24).
- 92 — *Rasto dos Mouros*, à beira do caminho entre Sejães e Fornel das Maias, concelho de Oliveira de Frades. A. Amorim Girão, *Arte Rupestre em Portugal — Beira Alta*, Sep.^a da «Biblos», vol. 1, n.º 3, Coimbra, 1925, pág. 9.
- 93 — *Ferraduras Pintadas*, a norte da povoação das Bemfeitas, freguesia de Destriz, conc. Oliveira de Frades. id., id., pág. 5, fig. 1.
- 94 — *Cantinhos* na Bouça Velha, caminho das Bemfeitas para o Carregal de Destriz, conc. de Oliveira dos Frades. id., id., pág. 5, fig. 2.
- 95 — *Gândara da Seixa*, junto da povoação da Seixa, conc. de Oliveira de Frades, id., id., pág. 7, fig. 3.
- 96 — *Eiras da Seixa*, junto da povoação da Seixa, conc. de Oliveira de Frades. id., id., págs. 7-8, fig. 4.

- 97 — Outeiro dos Mouros, a N. do Vale do Cando, id., id.,
pág. 10, fig. 6.
- 98 — *Ferraduras*, S. Miguel do Outeiro, conc. de Tondela. id.,
id., pág. 10, fig. 6.
- 99 — *Pedra da Escrita*, entre as povoações de Serrazes, Freixo
e Penso, conc. de S. Pedro do Sul. id., id., pág. 9, fig. 5.
(Figs. 25 e 26).
- 100 — *Penedo do Gato*, freguesia de Gomie, conc. de S. Pedro
do Sul. Estudado pelo Prof. A. A. Mendes Corrêa. Inédito.
- 101 — *Gravuras num Penedo*, sítio dos Braçais, ao pé de Outeiro
de Espinho, conc. de Mangualde. Leite de Vasconcelos,
Religiões, I, pág. 371, fig. 86.
- 102 — *Gravuras* (cantinhos, cruz e covinhas) numa lage de gra-
nito do passal da abadia de Espinho, conc. de Mangualde.
id., *Religiões*, pág. 366, fig. 80.
- 103 — *Penedo com Várias Cruzes no Sítio dos Barreiros* ao pé
dos Carvalhais, freguesia de Senhorim a que o povo chama
Santa Custódia. id., *Religiões*, pág. 369, fig. 85.
- 104 — *Penedo com Gravuras Rupestres* no Sítio da Pedraça,
freg. de Senhorim, Beira-Alta. id., *Religiões*, I, pág. 364,
fig. 78.
- 105 — *Letras*. No rio Alge, à ponte de S. Simão, freg. da Aguda,
conc. de Figueiró dos Vinhos, a 4 ou 5 km. de Arega, há
um penedo no leito do rio com letras e tradições de mouras.
Informação obsequiosa de Dr. Joaquim da Silveira, notá-
rio no conc. da Maia.
- 106 — *S. Martinho*, Castelo Branco. *Esculturas préhistóricas do*
Museu Etnológico Português, «O Arch. Port.», xv, 1910, p. 31.
- 107 — *Crato*. Id., id., pág. 41.
- 108 — *Esperança*, Arronches. Breuil, *La Roche Peinte de Valde-*
juncto à la Esperança, près Arronches, Portalegre, «Terra
Portuguesa» II, 1917, pág. 17.



Fig. 25 — «Pedra Escrita» próximo de
Serrazes, S. Pedro do Sul. (Foto do
Major Mário Cardoso)



Fig. 26 — «Pedra Escrita» próximo de Serrazes, S. Pedro do Sul, pormenor da figura precedente. (Foto do Major Mário Cardoso)

Umaz vêzes as gravuras encontram-se no dorso, mais ou menos boleado, das fragas, outras vêzes em superfícies sensivelmente horizontais, o que lhes valeu a designação freqüente de *Eiras de Mouros*, e outras vêzes ainda em pedras mais pequenas, independentes umas das outras, constituindo grupos maiores ou menores, com essas pedras insculpidas mais ou menos dispersas. Dêste último tipo é bem característica uma das estações rupestres de Ribalonga (Carrazeda de Ansiães) conhecida pelo nome de *As Ferraduras*, onde em 20 blocos de granito espalhados por uma superfície de 80 a 90 metros quadrados, há gravados 118 sinais, não contando neste número as covinhas que são 42. Do mesmo género, e mais notáveis, não só pelo número como pela natureza dos sinais, são as insculpturas do *Murancho* no têrmo vizinho de Parambos também no concelho de Carrazeda de Ansiães. (Figs. 22 e 23).

Umaz vêzes a superfície é, como disse, mais ou menos horizontal; mais raras vêzes é aprumada na vertical. Dêste último tipo podem citar-se a *Pedra Escrita* da região de Lafões, que se encontra entre as povoações de Serrazes, Freixo e Penso, concelho de S. Pedro do Sul, (figs. 25 e 26) a *Fraga das Ferraduras* das Chairas, (figs. 16 e 17) no têrmo de Travanca, a 2 km. a sul de Macedo de Cavaleiros, que estudei em Outubro de 1933, e a *Fraga Escrevida* ou simplesmente *A Escrita* da Ribeira de Ansiães, têrmo de Paradinha Nova, concelho de Bragança, a qual, segundo opinião do incansável e distinto arqueólogo abade do Baçal, «apresenta uma superfície tão lisa e aprumada que parece foi aparelhada intencionalmente». «Êste fragueiro (diz o povo) era o altar onde os mouros (que viviam numas cavernas agora muito entupidas

pelos pastores e ociosos, sitas abaixo coisa de vinte metros), vinham celebrar missa» (56).

O número de sinais gravados em cada estação rupestre é muito variável. Muitas vezes há só uma insculptura, pègada, ferradura, cruz etc. Pus inteiramente de parte na organização da carta das gravuras rupestres (fig. 13) todos êstes casos.

Quando há associação ou coexistência de várias gravuras na mesma pedra, o seu número é também muito variável, podendo atingir por vezes muitas dezenas, mesmo algumas centenas, como sucede. p. ex. em Outeiro Machado, no têrmo de Val d'Anta, não longe da povoação da Aboboleira e a 5 km. a poente de Chaves, onde o Prof. Mendes Corrêa pôde reconhecer cêrca de 350 sinais.

Nas férias do Natal de 1930, visitei esta notável estação rupestre, tendo sido incumbido pelo Prof. Mendes Corrêa de desenhar tôdas as insculpturas nas suas posições relativas. Com os elementos que colhi se mandou fazer o desenho de conjunto da fig. 14.

A grande maioria das estações rupestres ao ar livre são em rochedos graníticos. Há porém um certo número, embora muito menor, em que para a realização de tais monumentos foram utilizadas rochas xistosas.

A técnica seguida na realização das insculpturas é também variável.

Na grande maioria dos casos, as gravuras devem ter sido feitas com instrumento agudo, picando a rocha e marcando nela o sinal respectivo por ablação de pequenas lascas sucessivas, que se fariam saltar segundo o delineamento prévio. A estas gravuras chamaremos *litostícticas* (57).

Noutros casos, e isso é bem patente em algumas gravuras em xisto, os sinais foram obtidos por fricção, manejando em repetido movimento de vai-vem um instrumento duro, terminado

em gume ou ponta, de encontro à superfície a ornamentar. Às gravuras dêste tipo chamaremos *litotrípticas*.

As insculpturas da Pedra Escrita de Ride Vides, algumas do Poço da Moura, e as da Pena Escrita ou Fraga dos Fusos, de Sortes, as duas primeiras na Vilariça e a última a dois quilómetros a poente da povoação de Sortes (Bragança), são dêste último tipo, e constituem notáveis litótribos que bem merecem um estudo de conjunto.

Os sinais destas gravuras litotrípticas são, regra geral, constituídos por traços lineares, ou pelo menos são êstes os que predominam. Os sulcos respectivos lembram na sua forma geral os dos afiadores dos machados neolíticos.

Na pedra escrita de Rides Vides, que estudei em 1931, há a assinalar a particularidade de nela coexistirem ferraduras de tipo litostíctico, isto é, obtidas a pico ou a ponteiro fazendo saltar lascas de rocha. Algumas destas ferraduras sobrepõem-se a sinais do tipo litotríptico danificando-os, como sucede por exemplo com um escalariforme litótribo.

Ê claro que as ferraduras são neste caso posteriores. Infelizmente os casos de sobreposição de gravuras rupestres nem sempre se podem averiguar com segurança, a não ser quando, como no caso referido, há coexistência de duas técnicas e estas são inteiramente diferentes.

Ê de crer que os litótribos de Ride Vides e do Poço da Moura sejam neolíticos. Outro tanto deve suceder com os de Sortes que ainda não tive ensejo de visitar.

O problema da cronologia das gravuras rupestres é difícil de estabelecer com segurança.

Se é certo que pela natureza dos sinais, e seu grau de maior ou menor estilização, pela sua morfologia, digamos, cujo estudo se faz comparativamente com os das pinturas de grutas e cavernas e com os motivos ornamentais da cerâmica pre-histó-

rica, se podem formular hipóteses tendentes a estabelecer uma provável sucessão cronológica, não é menos certo que essas tentativas só podem, e não em todos os casos, garantir-nos uma cronologia relativa de grande amplitude.

Razão tem o ilustre pre-historiador galego Dr. Sobrino Buhigas verdadeiro especialista na arte rupestre do noroeste peninsular, quando escreve «Attamen per multa petroglyphha manent quibus difficilimum est tempus certum stabilire» (58).

Experiências realizadas por vários pre-historiadores mostraram que os instrumentos de cobre, e mesmo ainda os de bronze, prontamente se embotam ao percutir o granito e outras rochas duras onde as gravuras aparecem quando se tenta experimentalmente nelas fazer insculturas. Em certos casos com pedras acuminadas consegue-se mais e melhor do que com instrumentos de qualquer dos referidos metais. Os instrumentos de ferro, dada a sua maior dureza, prestam-se à maravilha para a melhor realização das gravuras.

Muitos argumentos se têm evocado para estabelecer a cronologia das gravuras rupestres. Um pequeno número destas pode, como dissemos, localizar-se no período neolítico. Outras seriam da idade do bronze durante a qual foram construídos os monumentos megalíticos, dólmens, menhires, etc., e cujo início se fixa à roda do ano 2.500 a. C.. No entanto é de crer que a maioria das gravuras rupestres sejam posteriores, e pertençam aos períodos de Hallstat e de la Tène da Idade do Ferro.

Algumas insculturas rupestres simples, de um sinal apenas ou dum pequeno número de sinais singelos, podem ser marcas de delimitação.

É antiqüíssimo o costume de marcar os limites das grandes propriedades e têrmos de povoações confinantes, gravando cruzeiros e outros sinais nos penedos ou pedras móveis, que em Trás-os-Montes o povo conhece pelo nome de *marras*. Este velho

costume de marcar senhas de limites de terras nas pedras, e até nas árvores, encontra-se em tôda a Idade-Média e vem já dos romanos, que provavelmente o receberam dos tempos primitivos.

O ilustre abade de Baçal P.^e Francisco Manuel Alves aborda êste assunto no IX vol. das suas *Memórias Arqueológico-Históricas* (pág. 579 e segs.) reproduzindo os sinais gravados de várias *marras* que demarcam as confrontações do têrmo de Vimioso, e transcreve um interessante documento que está apenso ao foral que el-rei D. Manuel I deu à vila de Vimioso em 5 de Março de 1516. Fiquei com a impressão, em face das figuras, de que algumas marras a par dos sinais modernos gravados como senha de demarcação a que o referido documento faz referência possuem outros de feição muito primitiva. É possível mesmo que o facto de algumas dessas fragas terem sido escolhidas para marras, resultasse de serem assinaladas por antigas gravuras rupestres.

O Prof. Mendes Corrêa ao estudar os petróglifos do Vale de Avelames, a sul das Pedras Salgadas, Vila Pouca de Aguiar, colheu a tradição de que determinada cruz gravada num rochedo, tendo além disso duas covinhas laterais quási simétricas, era marca limite de pastagens, e fôra insculpida em tempos antigos. No entanto aquele Professor, sem pôr de parte a possibilidade de, nalguns casos, simples cruces gravadas nos penedos constituírem possíveis demarcações, chama a atenção para a coexistência ao lado da torrente do Avelames, que constitue um excelente limite natural e portanto tornaria desnecessária a marca da fraga.

De resto a tentativa cómoda e simplista de explicar as gravuras rupestres exclusivamente como elementos de limitação de têrmos, não pode, parece-nos, aplicar-se nos casos em que há centenas de sinais gravados, como sucede num grande número de estações rupestres e nomeadamente em Outeiro Machado (Chaves) que, como atrás se disse, apresenta cêrca de 350 sinais.

Além disso a irregular distribuição das estações rupestres, amontoando-se por vezes em certas regiões sem disposição que faça prever a sua função demarcadora de limites é mais um argumento contra.

O ar simbólico, ideográfico, por vezes mesmo hieroglífico e alfabético, das gravuras rupestres é impressionante.

As representações astrais, relativamente frequentes, fazem pensar no culto dos astros, nomeadamente do sol. Aliás ainda hoje em muitos hábitos e velhos costumes populares transparece o culto do sol, da lua e das estrêlas. Outras velhas tradições do nosso povo encobrem profundas raízes de remotas manifestações religiosas, ligadas a antigos cultos pagãos.

As múltiplas gravuras de animais que aparecem em muitas estações de arte rupestre são indício seguro duma arreigada zoolatria.

Umas vezes são verdadeiros quadros que reproduzem cenas de caça, as quais frequentemente são interpretadas como tendo finalidade propiciatória.

Outras vezes, e é este o maior número, aparecem os animais sós, ou cercados de sinais e símbolos de vária ordem, que não podem ser interpretados como figuras humanas e muito menos em atitude ou com atributos venatórios. Estas gravuras animais, entre as quais a serpente (59) é talvez a que aparece com mais frequência, são interpretadas, quer como representações de tótemes protectores da tribo, quer, embora sem este atributo peculiar, como animais sagrados de especial veneração, aos quais se prestaria culto em práticas de magia nos recantos misteriosos das florestas.

O culto fálico teve grande difusão e extraordinária importância em tempos remotos. Pelo menos assim é lícito concluir, em face da multiplicidade de documentos de vária ordem que ao assunto dizem respeito.

O culto por determinadas pedras é flagrante nos conhe-

cidos acúbitos, que as espôsas sem filhos procurariam, convencidas de ser êste o remédio seguro para a sua esterilidade amargurante.

Em 1937, ao visitar em companhia do distinto arqueólogo Padre José Monteiro de Aguiar, no concelho de Penafiel o marco de Luzim (menhir), e uma série de mamoadas que ficam perto do mesmo megálito, informou-me aquêlê reverendo que no têrmo da freguesia de Rio de Moínhos (Penafiel) há um penedo, conhecido pelo nome de *penedo da barriga*, onde as mulheres grávidas no oitavo mês de gestação iam esfregar a barriga, para terem um parto feliz.

Ainda há 70 ou 80 anos tôdas ou quási tôdas as mulheres grávidas das freguesias de Rio de Moínhos, Boêlhe e mesmo doutras povoações circunvizinhas, iam esfregar a barriga no referido penedo um mês antes de terem os filhos.

Uns frades que ali foram em missão, à roda de 1870, ridicularizaram o costume e criticaram com azedume as mulheres que realizassem tal prática. Os sermões dos frades fizeram com que aquela vélha usança caísse em desuso. Porém ainda hoje uma ou outra mulher, muito escondidamente, ali vai esfregar a barriga.

Não pude visitar o curioso Penedo da Barriga, que, segundo parecer do Padre Monteiro de Aguiar, nada tem de particular.

Os exemplos podiam-se multiplicar. Êstes bastam para comprovar a existência de relações estreitas entre determinados rochedos e certas práticas religiosas.

Pelo que diz respeito às gravuras rupestres, é opinião corrente que as mesmas devem estar relacionadas com a religião dos autores de tais monumentos líticos.

Um grande número estarão certamente ligadas ao velho culto solar. Outras, e talvez a maioria, a atentar na presença das freqüentes estilizações de homem e mulher em grupo, representando por assim dizer o casal (*couple*), estariam relacionadas com a procriação e indirectamente com o culto sexual, de que o culto fálico constitue uma manifestação.

E os sinais alfabéticos? E os sinais hieroglíficos? E os sinais labirínticos?

O problema é complexo, e seguramente que o significado das numerosas estações de arte rupestre não deve ser o mesmo em todos os casos, embora em todos haja um mesmo fundo de religiosidade e de magia, ligado aos vélhos cultos de propiciação e outros, dos quais a alma humana ainda hoje não está de todo isenta, a-pesar-de muitos séculos terem rolado já sôbre os venerandos rochedos cobertos de siglas indecifráveis que os líquenes revestem e os musgos por vêzes escondem.

J. R. dos Santos Júnior

Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto
Fevereiro de 1940

BIBLIOGRAFIA E NOTAS

(1) Padre António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, 1706, t. I, pág. 436.

(2) João Pinto de Moraes, reitor de S. João Baptista, extra-muros de Ansiães, e António de Sousa Pinto, *Memórias de Ansiães*, manuscrito que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa e com outros encadernado no volume *Relação de Vila Real* (códice A-6-8, n.º 222).

(3) Contador de Argote (Jerónimo), *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, Lisboa, 1734.

(4) Padre Francisco Manuel Alves, *Chaves-Apontamentos arqueológicos*, Gaia, 1931, onde a pág. 43 se lê: «Perto ficam os buracos de Jac-mi-Jorge, interessantes cavernas decoradas com pinturas megalíticas, se a memória nos não engana (perdemos os apontamentos tirados há 40 anos), onde, segundo a lenda, viveu uma mulher sete anos em conúbio com o diabo».

(5) Ed. Hernandez-Pacheco, *Pinturas pre-históricas y dolmens de la région de Albuquerque* (Extremadura), in «Bol. de la Soc. Española de Hist. Natural», vol. XVI, 1916; e *Comision de Investigaciones paleontológicas e prehistoricas*, nota n.º 8, Madrid, 1916, pág. 7.

(6) Vergílio Correia, *Pinturas rupestres da S.ª da Esperança* (Arronches), in «Terra Portuguesa», vol. I, Lisboa, 1916, pág. 185.

(7) H. Breuil, *La roche peinte de Valdejunco à la Esperança près Arronches*, (Portalegre), in «Terra Portuguesa», vol. II, Lisboa, 1916 (1917), pág. 17-27, 6 figs.; e *Les peintures rupestres de la Péninsule Ibérique*, in «L'Anthropologie», vol. XXX, Paris, 1920, pág. 48.

(8) R. de Serpa Pinto, *O Abrigo pre-histórico de Valdejunco* (Esperança), in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. V, Pôrto, 1932, pág. 245-246.

- (9) Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitania*, Pôrto, 1924, pág. 182; Aarão de Lacerda, *O fenómeno religioso e a simbólica*, Pôrto, 1924, pág. 231; Obermaier, *Albuquerque*, in «Reallexikon der Vorg», vol. I, Berlim, 1924, pág. 96; *The Cambridge ancient history*, vol. of plates, I, Cambridge, 1927, pág. 17; Rui de Serpa Pinto, *Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal*, public. do Seminário de Estudos Galegos, La Coruña, 1929; J. R. dos Santos Júnior, *Pinturas megalíticas do concelho de Carraceda de Ansiães*, public. do «Inst. de Antrop. da Univ. do Pôrto», 1930, pág. 34; J. Leite de Vasconcelos, *O Arqueólogo Português*, vol. XXVIII, Lisboa, 1929 (1932), pág. 173; H. Breuil, *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, ouvrage publiée sous les auspices et aux frais de la fondation Singer-Polignac, Lagny, 1933, vol. II, pág. 162-166, fig. 48, pl. XX e XI.
- (11) Breuil, *Les peint. rup. schem. de la Pen. Ib.*, cit., vol. II, pág. 164.
- (11) R. de Serpa Pinto, *O Abrigo pre-histórico de Valdejunco*, cit., pág. 4.
- (12) Horácio de Mesquita e Vergílio Correia, *Arte Rupestre em Portugal; A Pala Pinta*, in «Terra Portuguesa», vol. IV, págs. 145-147, Lisboa, 1922.
- (13) Idem, idem. No trabalho precedente a uma pequena nota descritiva feita pelo descobridor da estação pictográfica, segue-se um aditamento erudito e criterioso deste ilustre professor da Univ. de Coimbra.
- (14) Com os elementos colhidos elaborei uma pequena notícia: *O Abrigo prehistórico da Pala Pinta*, publicada nos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. VI, fasc. II, pág. 33-43, Pôrto, 1933. No mesmo ano Breuil publicou o 1.º vol. de *Les peint. rup. shemat. de la Pen. Iber.*, onde se refere à Pala Pinta de Carlão (Alijó), como lhe chama, nas págs. 47 e 48. Algumas considerações de Breuil feitas sobre o desenho de H. Mesquita estão sujeitas a rectificação.
- (15) Juan Cabré, *El hombre prehistorico de las Hurdas. Las pinturas rupestres de las Batuecas*, sep. da «Rev. Coleccionismo», Madrid, 1922; H. Breuil, *La vallée peinte de las Batuecas*, (Salamanca), in «L'Anthropologie», t. XXIX, Paris, 1919; id. *Peint. Rup. de la Pen. Ib.*, cit., vol. I, fig. 12, pág. 20.
- (16) Padre António de Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, 1706, t. I, pág. 436.
- (17) Contador de Argote, Jerónimo, *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga Primaz das Espanhas*, t. II, Lisboa, 1734.
- (18) Padre Luiz Cardoso, *Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica de todas as cidades, vilas, etc.*, Lisboa, 1747, artigo «Ansiães», pág. 469.
- (19) Visconde de Vila Maior, *O Douro Ilustrado — Album do Rio Douro e Paiz Vinhateiro*, Pôrto, 1876, pág. 105-106.
- (20) Possidónio da Silva, *Sinais sobre um penhasco no lugar de Linares, na Província do Douro*, in «Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses», n.º 5, t. V, Lisboa, 1887.
- (21) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. I, Lisboa, 1897, pág. 360 e segs.
- (22) Amílcar de Sousa, *S. Salvador do Mundo — A Grande romaria da Beira Alta*, in «Ilustração Portuguesa», n.º 79, de 26 de Agosto de 1907.
- (23) Vergílio Correia, *Pinturas Rupestres descobertas em Portugal no séc. XVIII*, in «Terra Portuguesa», vol. I, pág. 116-119, Lisboa, 1916.
- (24) Juan Cabré Aguiló, *Arte rupestre Galego y Portugués (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa)*, memórias publ. pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, vol. II, Lisboa, 1916.
- (25) Hugo Obermaier, *Die Bronzezeitlichen von Nordwestspanien (Galicien)*, in «Ipeck», pág. 51-59, 1925.
- (26) Mendes Corrêa, *A Cronologia das mais antigas inscrições do Noroeste peninsular*, discurso inaugural da 6.ª sec. do Cong. de Barcelona das Assoc. Port. e Espanh. para o Progresso das Ciências, pág. 38, Madrid, 1928; *Geologia e Antropologia em Portugal*, Exposição Port. em Sevilha, pág. 20, Lisboa, 1929; *A Lusitania pre-romana*, in «História de Portugal», vol. I, pág. 134, Barcelos, 1930.

- (27) Amorim Girão, *Arte rupestre em Portugal* (Beira Alta), in rev. «Biblos», vol. I, n.º 3, Coimbra, 1925.
- (28) H. Breuil, *La roche Peinte de Valdejunco*, in «Terra Portuguesa», vol. III, pág. 26, Lisboa, 1917; *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, vol. I, pág. 43-46, Lagny, 1933; id., id., vol. IV, pág. 82-86, Lagny, 1935.
- (29) F. Lopes Cuevillas, e Bouza-Brey, *Os oestrímnios, os saefes e a ofiolatria en Galicia*, in «Arq. do Seminário de Estudos Galegos», pág. 53, Coruña, 1929.
- (30) Padre Francisco Manuel Alves, Abade do Baçal, *Memórias Arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, vol. IX, pág. 666-675, Pôrto, 1934.
- (31) J. R. dos Santos Júnior, *As pinturas pre-históricas do Cachão da Rapa*, in «Trabalhos da Soc. Port. Antrop. e Etnol.», vol. VI, Pôrto, 1933, 42 págs., 7 figs. e 10 Est.
- (32) As grutas da zona de mármore e alabastros de Santo Adrião ficam em termo do concelho de Miranda do Douro e não de Vimioso. Como, porém, sempre têm sido, embora erroneamente, atribuídas ao concelho de Vimioso, continuamos a manter essa designação.
- (33) *L'Anthropologie*, t. XXXI, Paris, 1921, pág. 354; idem, *Los Celtas y la Civilization Celtica en la Peninsula Ibérica*, Madrid, 1921.
- (34) Bosch Gimpera, *Prehistoria Catalana*, Barcelona, 1919, pág. 63, 64, 100, 101 e 121; idem, *L'estat actual del coneixement de la civilització neolítica e eneolítica de la Peninsula Iberica*, in «Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans», vol. VI, Barcelona, 1920, pág. 6 e seg.; idem, *Ensayo de una reconstrucción de la etnología prehistórica de la península ibérica*, in «Boletín de la Biblioteca Menéndez Pelayo», Santander, 1922.
- (35) Leite de Vasconcelos, *Peintures dans les dolmens de Portugal*, in «l'Homme Préhistorique», t. V, Paris, 1907. Estas pinturas foram reproduzidas pelo Prof. L. de Vasconcelos na fig. 112 do vol. I das *Religiões da Lusitania*, e uma delas na fig. 10 de *Os povos primitivos da Lusitania* do Prof. Mendes Corrêa, Pôrto, 1924.
- (36) Mendes Corrêa, *Os povos Primitivos da Lusitânia* cit., est. XXI, pág. 365; id., *Nouveaux Documents de l'Art Préhistorique en Portugal*, trabalho apresentado ao Cong. Int. de Antrop. de Amsterdão em 1927 e publicado na «Revue Anthropologique», XXXVIII, Paris, 1928, pág. 171; «História de Portugal» (ed. monumental), ver artigo do Prof. Mendes Corrêa sobre a *Lusitânia Pre-Romana*, pág. 132 e segs., Barcelos, 1928. A primeira notícia destas pinturas, provável representação dum ídolo eneolítico, foi dada pelo Prof. Mendes Corrêa no artigo *Arte Pre-histórica na Beira*, no jornal «Notícias de Viseu», de 12 de Outubro de 1924. O sr. dr. José Coelho, de Viseu, afirmou em vários escritos ter sido o primeiro a encontrar as pinturas de Cota. O prof. Mendes Corrêa não o contestou, mas cabe-lhe inegavelmente o mérito do seu estudo e aproveitamento científico independentemente das pesquisas daquêle professor visense (Vd. Mendes Corrêa, *Les peintures mégalithiques de Cota*, in «T. S. P. A. E.», 1934).
- (37) Mendes Corrêa, *As pinturas do Dolmen do Padrão* (Vandoma), in «O Arqueólogo português», vol. 27, Lisboa, 1930, 11 págs. e 9 fig.; a primeira notícia dos achados de Vandoma foi dada pelo Prof. Mendes Corrêa na «Águia», n.º 37 a 48 (3.ª série), Pôrto, 1926, sob o título *Pre-história do Distrito do Pôrto — O Petroglifo do Guerreiro no Castro Pre-romano do Reguengo*; Mendes Corrêa, *Nouveaux Doc. de l'Art. Préhist.*, cit.
- (38) A. Amorim Girão, *Antiguidades pre-históricas de Lafões*, publ. do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, «Memórias e Notícias», n.º 11, Coimbra, 1921, pág. 26; idem, *Arte Rupestre em Portugal — Beira-Alta*, in «Biblos», vol. I, n.º 3, Coimbra, 1925.
- (39) A. dos Santos Rocha, *As Arcainhas do Seixo e da Sobreda*, in «Portugalia», vol. 1.º, pág. 13, Pôrto, 1899.
- (40) José Fortes, *A Necrópole Dolménica de Sales* (Terras de Barroso), in «Portugalia», vol. 1.º, pág. 665, Pôrto, 1901.
- (41) Rui de Serpa Pinto fez sobre êste dólmen de S. João de Ovil uma comu-

nicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (sessão de 14 de Fev. de 1933), referindo a existência no mesmo de pinturas e de gravuras. Esta descoberta, daquele saúdoso amigo e talentoso companheiro de trabalho no Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto, ficou inédita, pois a pouco mais de um mês da citada comunicação, Rui de Serpa Pinto morria vitimado por uma febre tifóide (23 de Março de 1933).

(42) Santos Júnior, *Pinturas Megalíticas no concelho de Carrazeda de Ansiães*, publicação do Instituto de Antropologia da Faculd. de Ciências da Univ. do Pôrto, Pôrto, 1930, 38 págs e 15 figs.

(43) Coteló Neiva, *O Dólmen da Fonte Coberta* (na Chã de Alijó), in «Bol. da Assoc. de Filos. Nat.», vol. 1.º, Pôrto, pág. 61-82, 12 figs.

(44) Georg Leisner, *Die Malereien des Dolmen Pedra Coberta*, in «Ipek», 9, Band, Berlim, 1934, pág. 33.

(45) Id., id., id.

(46) Na Galiza conhecem-se 3 estações pictográficas megalíticas, a saber: Anta de Codesás (Melon, Ourense); Mamôa de Lijó (Santiago de Compostela), Dólmen de Pedra Coberta, Coruña. No Norte de Espanha há ainda uma 4.ª, nas Astúrias, no dólmen de Cangas de Onis, sobre cujo tumulus foi construída a capela de Santa Cruz. Sobre estas pinturas megalíticas galegas ver: Ramon Barros Sívolo, *Antiguidades da Galicia*, t. I, 1901, pág. 609, e t. II, 1906, pág. 29; Florentino Lopes Cuevillas e Fermin Bouza Brey, *La Civilisation Neo-Eneolitica Galega*, in «Archivo Español de Arte y Arqueologia», n.º 19, Madrid, 1931; id., id., *Os Oestrinios, os saefes e a ofiolatria en Galiza*, in «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos, II, Coruña, 1929, pág. 42-43; Conde de la Vega del Sella, *El Dolmen de la Capilla de Santa Cruz (Asturias)*, memória 22.ª de la Comission de Investigaciones Paleontologicas y Pre-historicas, Madrid, 1929.

(47) Georg Leisner, *Die Malereien des dolmen Pedra Coberta*, in «Ipek», 9, Band, Berlim, 1934, pág. 32.

(48) Mendes Corrêa, *A Lusitânia pre-romana*, in «História de Portugal», ed. Monumental, Barcelos, vol. I, pág. 134.

(49) Breuil, *Les Peint. Schemat. de la Pen. Ib.*, cit., vol. I, pág. 61.

(50) A. Amorim Girão, *Arte Rupestre em Portugal*, cit., pág. 11-12.

(51) A. Amorim Girão, não dá as dimensões.

(52) A. Amorim Girão, não diz quantas.

(53) Em algumas antas destruídas havia gravuras; assim sucedia, p. ex., com a anta do Folão (Póvoa de Varzim). A ela se refere Martins Sarmiento na nota 2 da pág. 142 da *Rev. de Guimarães*, III, 1886, numa adenda feita à *Notícia archeologica sobre o Monte da Cividade* (de Bagunte), onde se lê: «A anta do Fulão (sitio nas imediações da cidade de Bagunte) está hoje completamente destruída, mas existia inteira há coisa de 20 anos, segundo a notícia dum informador que m'a descreveu minuciosamente. Num dos esteios haveria a gravura duma ave. O tecto da anta tinha sido trazida para ali à cabeça duma moura. Chamavam-lhe a «Casa da Moura».

(54) A. A. Mendes Corrêa, *Art Rupestre en Trás-os-Montes*, cit., pág. 122.

(55) José Brenha, *Dólmens ou Antas no concelho de Vila Pouca de Aguiar*, in «Portugalia», t. I, fasc. IV, Pôrto, 1903, pág. 698; A. A. Mendes Corrêa, *Glozel e Alvão*, in «T. S. P. A. E.», vol. III, Pôrto, 1926, pág. 137-162; José Teixeira Rêgo, *Os alfabetos de Alvão e Glozel*, id., id., pág. 217-229; A. A. Mendes Corrêa, *Sur une inscription Proto-Ibérique d'Alvão*, id., id., pág. 299-310; etc.

(56) Padre Francisco Manuel Alves (Abade do Baçal), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, t. IX, Pôrto, 1934, pág. 643-644.

(57) Ao ilustre professor e distinto filólogo dr. Francisco Torrinha devo a gentileza de, a uma consulta que lhe fiz sobre o assunto, ter criado os vocabulos seguintes: litostíctico, do grego *lithos* = pedra e *stiktos* = picado; de *stizein* = picar, imprimir marca ou sinal com instrumento agudo ou ardente. Litotríptico do grego *lithos* e *tripsis* = fricção; de *tribein* = esfregar.

Ao Ex.^{mo} Amigo e colega dr. Torrinha, aqui deixo o testemunho da minha gratidão.

(58) Sobrino Buhigas, *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*, excelente publ. do «Seminário de Estudos Galegos», Compostela, Galiza, pág. 28.

(59) A. A. Mendes Corrêa, *Le Serpent Totem dans la Lusitanie Proto-Historique*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», t. xv, Pôrto, 1928; Bethencourt Ferreira, *Vestígios do culto da Serpente (Ofiolatria) na Pre-história Lusitanica*, in «A Águia», vol. 4, Pôrto, 1927.; Florentino Lopez Cuevillas e Fermin Bouza Brey, *Os Oestrimínios, os Saefes e a ofiolatria en Galiza*, publ. do «Seminário de Estudos Galegos», II, Coruña, 1929, 167 págs. e 47 figs.; Bethencourt Ferreira, *Contribuição para o estudo das representações da Serpe no culto ofiolátrico*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», t. xxiv, Pôrto, 1929, 15 págs. e 6 figs.

Composto e impresso nas oficinas de
Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Travessa
da Condessa do Rio, 27 — Lisboa

biblioteca
municipal
barcelonès



9620

Arte rupestre